

MARIÁPOLIS

Noticiário do Movimento dos Focolares



Obrigado pe. Foresi

*Cofundador
da Obra, com
Chiara e Igino
Giordani*

Nairobi

O contributo
da África na
Economia de
Comunhão

Grande Zona da Europa

Etapas
da nova
configuração

Eu neles

«Pai, quero que onde Eu estiver estejam também comigo aqueles que Tu me confiaste, para que contemplem a minha glória, a glória que me deste, por me teres amado antes da criação do mundo. Pai justo, o mundo não te conheceu, mas Eu conheci-te e estes reconheceram que Tu me enviaste. Eu dei-lhes a conhecer quem Tu és e continuarei a dar-te a conhecer, a fim de que o amor que me tiveste esteja neles e Eu esteja neles também» (Jo 17,24-26).

é tão evidente que a Palavra de Deus contém a realidade de Deus.

Jesus parece insistir no pedido. O seu coração está repleto e quer. De facto, diz “quero” e não “rogo”, como antes.

Quero: é o quero do amor. O quero que tem o seu pequeno eco no “quero” dos santos, como em Catarina, nas suas cartas. O quero de quem está totalmente convencido que só pede coisas que agradam àquele a quem pede, por quem se está a pedir, com a convicção de se pedir coisas grandes.

Quer dar-nos o Céu. Tinha acabado de se dar *todo* a nós, na Eucaristia e, talvez, aquele «*Eu neles e Tu em mim*» pudesse significar: Eu, eu todo, o meu corpo, sangue, alma e divindade neles, para os divinizar, para os incorporar

definitivamente. Não é por acaso que a Eucaristia é o vínculo da unidade. «*Eu neles*», para dar, deste modo, a vida eterna, fruto da Eucaristia, a vida eterna de que fala também neste testamento, que é: conhecer Jesus e o Pai.

«*E Tu em mim*», e isto é evidente.

Chiara

Do Diário de 22 de Julho de 1970, publicado em CHIARA LUBICH *Jesus Eucaristia*, elaborado por Fábio Ciardi, Cidade Nova, Abrigada 2014, pp 67-68



Rocca di Papa, 13 de dezembro de 1976. Da esquerda: Iginio Giordani, Chiara Lubich, pe. Foresi

Talvez foi este o pedaço do testamento de Jesus que mais me maravilhou desde a primeira vez que o li.

Nunca, nunca neste mundo se tinha ouvido uma coisa semelhante.

O anjo que traz do céu a mensagem a Maria, encanta. Mas, aqui, não é um anjo que fala: é Deus, a segunda Pessoa, que fala ao Pai. É uma voz, um vínculo divino entre o céu e a Terra, mas tão denso, tão pleno, que nunca como neste caso, talvez,

E a luz que tu me deste...

Na última saudação ao pe. Pasquale Foresi (Chiaretto) no dia 18 de junho, foi feito um perfil muito completo, com várias vozes que se poderá encontrar na íntegra na *Mariapoli on line*. Referimos alguns extratos.

O encontro com Chiara

Ano 1949. Por ocasião das festas natalícias, Pasquale Foresi foi convidado a passar alguns dias em Trento, juntamente com alguns jovens de Roma. Para ele foi a ocasião para conhecer Chiara Lubich pessoalmente. «O encontro com Chiara, na manhã de 31 de dezembro, deixou-me atordoado – contaria logo depois – Ao ouvi-la falar, compreendia-se que era uma alma totalmente de Deus».

Durante um jantar na Casetta Foco, próximo da Praça dos Capuchinhos, Chiara Lubich conta o que aconteceu durante o verão de 1949.

«Tenho ainda diante de mim, hoje como então, os olhos de Pasquale. Impressionou-me de tal maneira que parei um momento a observá-lo: não era só encanto, penso que era mais contemplação. Naqueles olhos havia a mesma luz daquele “Paraíso” que Chiara nos dava e eu vi-o, naquele momento, diferente de todos nós. Pensei sempre que foi ali que nasceu o seu “designio de Deus” e a sua “Palavra de Vida”, que ele realizou plenamente em toda a sua vida. A frase do Evangelho que Chiara escolheu para ele, isto



«O pe. Foresi é cofundador do Movimento, juntamente com Iginio Giordani. E por este serviço à Obra, único, excepcional, extraordinário, que Deus pediu ao pe. Foresi, todos lhe devemos estar gratos».

(Chiara Lubich. Respostas às perguntas dos focolarinos e das focolarinas, Rocca di Papa, 3 de maio de 1972)

é, a sua “Palavra de Vida”, como se dizia, era: “E a Luz que tu me deste, eu dei-a a estes para que sejam um como eu e tu”. É mesmo por este motivo que, desde então, lhe chamámos “Chiaretto”... (Palmira Frizzera)

«Aquele luz que Chiara nos dava resolveu radicalmente todos os seus problemas pessoais, tanto que sentiu a chamada a tornar-se focolarino e seguir Jesus neste caminho novo. Aquela noite foi realmente, para Pasquale, um verdadeiro Natal. Partindo de Trento, passou por Pistoia para ir buscar aquele pouco que necessitava e prosseguiu viagem para Roma, onde ficou hospedado na casa de uma família do Movimento. Aquilo que lhe interessava era estar perto de Chiara, para poder absorver aquela luz que tanto o tinha fascinado». (Marco Tecilla)

O primeiro focolarino sacerdote

A um certo momento o pe. Foresi sentiu que Deus lhe pedia “Tu deves tornar-te sacerdote”. «A vocação ao sacerdócio foi para mim muito forte – diria anos mais tarde - porque devia ser o primeiro sacerdote



focolarino e abrir o caminho também a outros».

« Ensinou-nos com a vida a possibilidade de ser "totalmente Igreja e totalmente Obra": a ocupar-nos, como Jesus, das coisas do Pai e estar submissos a Maria e José, em Nazaré. O pe. Foresi ensinou-nos, com a palavra e o exemplo, a viver o ministério sacerdotal em plena unidade com o Papa e os nossos bispos, semeando a vida de comunhão entre os confrades sacerdotes e entre os membros do povo de Deus. (d. Antonio Bacelar)

«Sendo construtor de pontes, o pe. Foresi levou o Movimento à Igreja e a Igreja ao Movimento, na sua reciprocidade. A sua capacidade de compreender e exprimir com grande lucidez – desde os primeiros momentos – a novidade do Carisma e saber captar, ao mesmo tempo, aquilo que na Igreja era possível, em cada momento, aqui e agora, foi um contributo incalculável. A intuição de "contextualizar" o Carisma do Ideal, por um lado com o Concílio e por outro com o pensamento dos Padres, foi um achado genial para marcar o caminho para uma incidência eclesial cada vez mais vasta do Carisma. Para não falar de todos os relacionamentos construídos, com sabedoria, tenácia e paciência, a nível da Igreja, sobretudo nas vivências dos anos 50 e 60... E depois gostaria de sublinhar a capacidade de ler "dentro" nos cenários religiosos, sociais e culturais da humanidade e projectar sobre eles a Luz de Chiara, ajudando-

-nos a perceber o vasto alcance do Carisma». (d. Hubertus Blaumeiser)

Assim na Terra como no Céu

«Chiaretto veio em relevo como desígnio depois, porque o Chiaretto devia ser precedido por Foco. Porque o Paraíso que tínhamos visto, que depois marcava também o projeto da Obra, estava no seio da Trindade verdadeira, portanto também a Trindade era a Trindade. Mas lá dentro estava o grupinho, estava a Obra. Aquele projeto que tínhamos visto ali, devia encarnar-se na Terra, concretizar-se na Terra. E o Chiaretto tinha a função, o seu carisma, de trazer aqui à Terra todas estas coisas. Tanto é verdade que ele conta que, quando eu disse: "Agora



- Loppiano, 29 de outubro de 2004. Inauguração e dedicação do Santuário Maria Theotokos



Loppiano, 10 de maio de 1969. A bênção do terreno onde se irá construir o Colégio

vai surgir o desígnio de Chiaretto", e ele fez o pacto comigo, como Foco tinha feito, ele disse(1): "Chiara, o que é que surgiu?" "A concretização – disse eu(2) -, o Paraíso vem à Terra." O Chiaretto ficou quase triste, porque estava tão encantado com o Paraíso contemplado, que vê-lo(3) concreto parecia-lhe pouco. Pelo contrário, ai de nós se não se concretizassem as coisas. Portanto o desígnio de Chiaretto é a concretização.

Nasce Loppiano. «Recordo quando voltou de Loppiano, onde tinha ido para vender o terreno herdado por Eletto Folonari. Estava radiante. Trazia um sonho de Chiara. Tinha uma proposta, que disse a Chiara: "Não o vendamos. Podíamos

Na Escola Gen de Grottaferrata em 1976





O pe. Foresi teve um período de maturação extraordinária na sua vida espiritual. (...) Nele, o Espírito Santo trabalhou muitíssimo também (...) com coisas dolorosas, (...) por isso é que ele possui uma grande riqueza de vida espiritual, que não se encontra noutras pessoas (...) É um pouco a personificação (...) da unidade. Sim, ele sabe fazer a verdadeira unidade, ele leva-a, e encarna-a. (Chiara Lubich, *Saudação às focolarinas, Castel Gandolfo, 5 de janeiro de 1992*)

levar para lá as escolas de formação”. Vai passar por ali a autoestrada Roma-Florença... (Gabri Fallacara)

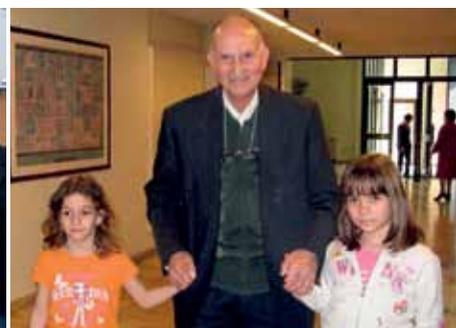
Cidade Nova. «O Grupo Editorial Città Nuova (Cidade Nova), que Chiara considerou ser a primeira obra da Obra, deve o seu nascimento e o seu desenvolvimento ao pe. Foresi. Ali colocou a sua inteligência, a sua preparação filosófica, o conhecimento da história da Igreja e da teologia. Em 1955, Chiara anuncia aos focolarinos de Roma que irá nascer uma publicação, que se manterá viva através do amor entre os redatores e o pequeno povo do Movimento. A 14 de julho de 1956, no coração da Mariápolis de Fiera di Primiero, saiu o primeiro número de *Città Nuova*. O pe. Foresi seguiria durante várias décadas, quase quotidianamente, a vida da revista. Em agosto de 59, sempre na Mariápolis, saiu o volume *Meditações*. No fim de 59 saiu o volume *Experiências*, uma recolha de testemunhos sobre o Evangelho vivido. Seguiu-se, em março de 60, a publicação *A Mensagem social do Cristianismo*, de Giordani. A difusão imprevisita destes primeiros três títulos fez dizer ao pe. Foresi: “Agora pode nascer a Editora!”. O

pe. Foresi foi, durante vários anos, o verdadeiro Diretor editorial, escolhendo os volumes de caráter teológico e evangélico, e escrevendo as suas primeiras obras. (Giannino Dadda)

Instituto Universitário Sophia «O amor, que tem em Deus a sua nascente, revela, além de outras, esta qualidade: *ser os primeiros a amar*. Assim aconteceu no relacionamento entre o pe. Foresi e Sophia: ele foi o primeiro a amar. Ainda antes de Sofia iniciar a sua atividade, o pe. Foresi, com entusiasmo e generosidade, quis oferecer-lhe a sua biblioteca: uma joia, construída com paixão e previsão futura, ao longo dos anos, dotada de livros de grande valor e interesse. Foi também espontâneo, para Sophia, dedicar-lhe a biblioteca nascente. Alegrámo-nos todos ao ver a alegria no seu rosto, quando pôde visitar Sofia. Era como se a sua alma, acesa de Luz, lhe saísse pelos olhos e nos fascinasse com o seu olhar». (Piero Coda)

Por fim, um elemento significativo: a sepultura foi feita na capela do Centro da Obra onde também foram sepultados Chiara Lubich e Iginio Giordani.

pela redação



Em Trento

Nas raízes do Ideal

O Conselho Geral realizou o seu retiro anual

A escolha de realizar o retiro anual em Trento não foi por acaso, foram muitos os motivos. Desde o ter constatado que muitos dos Conselheiros nunca tinham visitado os lugares onde tudo teve início, à extraordinária disponibilidade do Centro Mariápolis de Cadine para hospedar o evento. É uma estrutura situada um pouco acima de Trento que, com o seu estilo característico, inspirado no Carisma da unidade, dá, a quem lá mora, a sensação de que a própria Chiara esteja ali a acolhê-los e a acompanhá-los no percurso que fez.

Para os 67 membros do Conselho Geral, das diferentes vocações da Obra (focolarinos, focolarinas, voluntárias e voluntários, religiosos e religiosas, sacerdotes), a semana de 4 a 10 de maio «foi um mergulho nos primeiros tempos do Ideal – escrevem os delegados centrais Friederike Koller e Angel Bartol, moderadores do encontro – não só pelo testemunho cheio de vida de alguns pioneiros, como o p. Bonaventura Marinelli e Maria Maffei, uma aderente, mas também pela visita à cidade, desde a Praça dos Capuchinhos ao bosque de Gocciadoro». São lugares que, só o facto de os evocar, nos leva aos pontos de luz da história de Chiara: a Igreja de Maria Menina,



Em Fiera di Primiero

onde, quando era pequenina, ia adorar o Santíssimo; a noite de «estrelas e lágrimas» (Gocciadoro) onde amadureceu, dentro dela, a escolha de ficar na cidade, depois de um bombardeamento terrível; a igreja de St. Clara onde pediu ao Pai os sapatos nº42; a «casinha» da Praça dos Capuchinhos onde os pobres, com as focolarinas (um pobre, uma focolarina...), encontravam uma refeição quente, servida com as melhores loiças; a cave escura, que ainda hoje existe, por baixo da casa de Natalia Dallapiccola – à qual se chega através de um alçapão -, onde Chiara e as suas primeiras companheiras, lendo o Evangelho à luz da vela, depararam, pela primeira vez, com o testamento de Jesus: «Pai, que todos sejam uma coisa só». (Jo 17,21)



O encontro com o pe. Bonaventura Marinelli

«O dia passado em a Tonadico e Fiera di Primiero – continuam Friederike e Angel – levou-nos a contemplar a experiência de luz feita em 1949, na moldura de uma natureza esplêndida e de um céu límpido e azul, muito raro nesta estação». Foram escolhidos *ad hoc* trechos de Chiara para acompanhar os Conselheiros nos vários lugares do vale de “Primiero”. Em primeiro lugar, a igreja dos Capuchinhos onde, depois do pacto com Foco, se iniciou para Chiara a extraordinária série de visões intelectuais sobre o Paraíso e sobre a Obra, que durou muitos meses. Foi também inesquecível a emoção de visitar o Chalé “Paradiso” e admirar depois, por detrás dos cumes, o pôr do sol que, também naquela tarde, lançava raios como flechas: uma imagem da qual Chiara, neste período de 1949, se serviu para explicar às focolarinas algo do que tinha “visto” no Paraíso: (o esplendor do Pai e a manifestação do Verbo). «Uma graça – comentam a Friederike e o Angel – que nos chega a todos».

Não faltou, no programa, um encontro com o Presidente da Câmara, Andreatta; a Eucaristia, celebrada pelo sr. Bispo, mons. Bressan e a festa-encontro com a comunidade de Trento, onde se evidenciava a grande vitalidade que têm a nível educativo, político, social e eclesial.

Neste clima de profunda comunhão,

desenrolaram-se os trabalhos pre-estabelecidos, sendo este um retiro de representantes de toda a Obra: refletir sobre a sua identidade e o seu «sair», também à luz do que foi determinado no documento final da Assembleia de 2014. Surgiram propostas estimulantes, dos trabalhos de grupo, que na reunião plenária se tornaram pistas de trabalho interessantes. É um trabalho que irá continuar nas respetivas Comissões a serem criadas no Centro, para depois se continuar no encontro de setembro, com os Delegados de Zona.



Na conclusão do retiro, a Emmaus disse: «A nossa identidade é Chiara, é Maria, é ser o Evangelho vivo, é levar Jesus ao mundo. Temos de encontrar o modo de a atualizar, de perceber como exprimir aquilo que somos, para que seja compreensível nos tempos de hoje». Jesús acrescentou: «Atualização quer dizer atualizar uma coisa que já existe para a ver melhor, para a perceber melhor».

Relativamente ao «sair», o copresidente sublinhou ainda que: «Quando o Papa fala em “sair” não está a inventar algo de novo, porque a Igreja começou a “sair” com o Pentecostes. O Papa quer, simplesmente, dar um novo impulso missionário. Da mesma maneira, para nós, “sair” não é uma realidade nova, mas é intensificar algo que já está no nosso DNA». E a Emmaus confirmou: «“Sair” está ínsito no Ideal, é inerente ao Carisma».

por Anna Friso

Nairobi 2015

O Sim da África à Economia de Comunhão

Na Mariápolis Piero, realizou-se o quinto Congresso mundial da EdC, antecedido por uma escola dedicada aos jovens

Em Nairobi (Quênia) realizaram-se, em maio, dois encontros importantes para a Economia de Comunhão (EdC) em África: uma Escola com 168 jovens, dos quais 150 do continente africano, seguido do Congresso, com mais de 350 participantes, provenientes, com os jovens da Escola, de 40 nações - das quais 15 africanas - dos 5 continentes.

Eisas opiniões de Luigino Bruni, italiano, da comissão central de Economia de Comunhão e de Geneviève Sanze, da República Centro-africana - conselheira, no Centro, para o aspecto da Economia e Trabalho.

A civilização do cêntuplo

Esta frase que ouvimos no vídeo - lindíssimo - sobre a vida de Piero Pasolini, preparado pela Cidadela Piero para o congresso EdC, exprime muito bem os dez dias vividos em Nairobi. O Piero recordava que, quando Fontem nasceu, Chiara Lubich desejava que, naquela Cidadela,



se visse concretamente, não tanto a pobreza e a miséria, mas uma verdadeira civilização nascida das bem-aventuranças, do Evangelho vivido, onde a realidade do cêntuplo fosse a nota predominante, mesmo na vida social, política, económica...

Decidimos, no ano passado, fazer em África o quinto Congresso mundial da EdC. Atraía-nos a vida e a própria EdC, que está a nascer e a germinar em África, desde que, em



A matéria dos sonhos torna-se projecto

Entrevista a Geneviève A. M. Sanze

Como foi compreendida a Economia de Comunhão durante a Escola?

Quando se apresentou a EdC, havia uma grande atenção. Sentia-se que os jovens africanos descobriam e redescobriam, com uma nova luz, os valores mais profundos da própria cultura. Mas havia neles também uma certa perplexidade. «É verdade aquilo que vocês nos estão a dizer? Não é um voltar ao capitalismo ou ao comunismo? Temos valores que o capitalismo destruiu. Poderemos agora confiar?» São perguntas importantes porque tocam a história da África, cujas consequências são ainda profundas e motivo de muitos desafios. Para mim foi importante e até novo o facto

de que os próprios jovens fizessem estas perguntas. Pude notar uma grande atenção, um amor, um profundo «fazer-se um» por parte dos docentes

participantes, vindos de todo o mundo. E isto produziu uma "reviravolta". Sublinhou-se a criatividade, a inovação, a capacidade de «gerar», a riqueza que possui cada um e a África, como continente. Falou-se de comunhão e de fraternidade, captando a beleza e a fecundidade das culturas africanas para a EdC. Dois dias depois, a sala era um só corpo. Descobriram-se potencialidades e recursos inimagináveis. Foi a conquista de uma nova confiança nas capacidades e possibilidades de resgate. Notava-se um orgulho pela beleza da própria identidade pessoal e comunitária. Descobriram-se possibilidades concretas de actuação, resultantes da comunhão entre eles. Foras estas as reflexões que surgiram naqueles dias.

Que significado teve falar de economia, em África e do contributo que a África pode dar à humanidade?

Foi comovente ver a adesão dos jovens, que se puseram a trabalhar também com os professores. Perceberam que são o hoje e o futuro da humanidade, que podem mudar o futuro se forem capazes de mudar o presente. Tivemos a impressão de que a matéria com a qual se construiu a Escola fossem os sonhos que cada participante comunicou e desenvolveu, até se tornarem projectos, proféticos sim, mas concretos e realizáveis. E a colaboração iniciada vai continuar.

Que frutos deram estes encontros?

Um fruto muito concreto do Congresso foi a criação de duas «incubadoras»: uma internacional, em Loppiano no próximo verão, e outra em Nairobi, em janeiro de 2017, chamado «Siobhan». Um projecto que amadureceu e foi partilhado com a comissão pan-africana da EdC, com a presença de todos os Delegados da Obra em África. Entendemos por incubadoras, um programa de dez a quinze dias em que os jovens empresários africanos vão dividir com os empresários da EdC os seus próprios projectos e sonhos, para os poderem acompanhar e seguir.

Diz-nos uma impressão pessoal sobre o Congresso?

Penso que foi um acontecimento especial! Talvez, nem nós mesmos sabíamos que a EdC fosse tão abundante e viva! Pareceu-nos sempre linda e profética, mas nunca tínhamos visto os nossos protagonistas tão "carismáticos" e inovadores. Via-se a Obra de Deus no "ir para fora", feita para todos, para o «Ut omnes», onde os aliterces da espiritualidade eram vividos por todos.

por Anna Lisa Innocenti

janeiro de 2011, fizemos em Nairobi o primeiro Congresso pan-africano.

A Escola para jovens foram dias ex-

traordinários de esperança, trabalho, projectos, vida, partilha, que criaram a melhor atmosfera para receber, no dia 27 de maio,





porque é que aqui a pobreza se nos mostrou sobretudo como uma riqueza? Chiara várias vezes nos recordavaque muitas palavras do Evangelho

os outros que chegaram dos 5 continentes.

O que aconteceu na Mariapoli Piero? Muito, demasiado para se contar em poucas palavras! Antes de mais foi a descoberta da África, por parte da EdC dos outros Países do mundo. A África mostrou-nos um aspecto de riqueza, de criatividade, de vida, de capacidade de «gerar», muito mais verdadeiro e forte do que a pobreza e a miséria, que é claro, continuam a existir. Os africanos e africanas pareceram-nos de uma beleza profunda e muito luminosa.

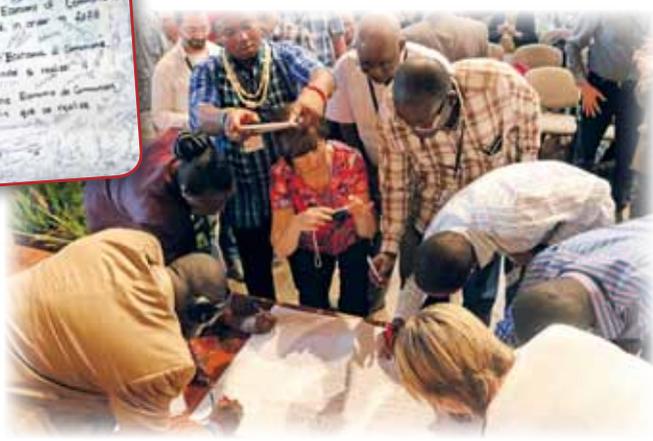
Percebemos, ou talvez descobrimos que a EdC africana vai nascer da própria África, em comunhão com todo o mundo: não poderá ser uma cópia do que se faz no Brasil ou em França, não a importação de um modelo já pronto a pôr em prática. Muitas vezes, estas coisas esmagaram e mortificaram a criatividade e a dignidade, a honra dos povos africanos, que não se sentiram estimados como portadores dos valores originais e próprios, mas como «povos crianças», a quem era preciso ensinar tudo. A EdC nunca tinha acreditado nisso, mas, depois deste Congresso, a convicção tornou-se um método de pensamento, de acção, de desenvolvimento. O primeiro contributo que ela pode dar à África é um olhar de estima por aquilo que a África é, e não só pelo que deverá ser.

Por fim, naqueles dias de paraíso – creio e espero que o Céu seja semelhante aos ofertórios dançados que vimos em Nairobi – surgiu-nos uma pergunta:

têm uma parte positiva e uma negativa: «Bem-aventurados os puros de coração» (a parte negativa) «porque verão a Deus» (a parte positiva). E – acrescentava – só juntando as duas partes é que temos a vida plena. Mas - dizia ainda - se tirarmos a parte positiva, não temos o paraíso, mas o inferno. Nos "dias africanos" compreendi então: a pobreza é paraíso se juntamente com o «bem-aventurados os pobres» se se viver também o «porque deles é o reino dos céus». E pode tornar-se riqueza graças à comunhão. A pobreza é inferno se os pobres não conseguirem experimentar a comunhão com todos – durante o Congresso nunca esquecemos que, no mundo (e não só em África), há muitas pobreza-misérias que matam e destroem as pessoas.

A prova da verdade daqueles dias será a nossa capacidade de continuar a comunhão iniciada em Nairobi (entre jovens e empresários, por exemplo, que se empenharam em gemelar-se com um projecto de um jovem africano), se aquele Reino dos céus crescer no dia a dia dos nossos esforços. Todos pobres, todos ricos. «Bem-aventurados os pobres, porque deles é o reino dos céus».

Luigino Bruni



Na Comissão Europeia

Viver juntos, aceitar as diferenças

Maria Voce foi convidada a ir a Bruxelas, com outros líderes religiosos, para um encontro de alto nível sobre os temas da unidade e da tolerância na Europa



No dia 16 de junho, a Comissão Europeia (CE) reuniu em Bruxelas (Bélgica) quinze responsáveis religiosos, em representação das comunidades cristãs, hebreias, muçulmanas, hindus, budistas e mórmones para debater sobre o tema: «Viver juntos, aceitar as diferenças». Entre estes, também a Emmaus. «O contributo que pude dar, penso que provém das milhares de experiências que se vivem no Movimento dos Focolares – contou a Emmaus, entrevistada durante a conferência Ch – porque me parecia que aquilo que estas Instituições mais querem é ter exemplos concretos de boas práticas de convivência, porque as palavras já estão gastas». Refletindo ainda sobre as Instituições europeias acrescentou: «Estão a aperceber-se que os seus trabalhos dão poucos frutos, obtêm poucos frutos. Verificam que lhes falta qualquer coisa. E pareceu-me que isto era importante: que reparassem nisso e que procurassem o que lhes falta nas religiões, nos princípios religiosos».

Estavam presentes nos trabalhos Antonio Tajani, vice-presidente do Parlamento europeu, e Frans Timmermans, primeiro vice-presidente da Comissão Europeia, que disse a certa altura: «Para mim o diálogo não é um ritual que se repete todos os anos e depois se arruma numa prateleira, mas é um contributo essencial para

encontrar soluções para os maiores problemas que as sociedades europeias enfrentam nos tempos de hoje: o medo da diferença, as consequências da crise, a sustentabilidade ambiental. As religiões podem assumir um papel entre as comunidades, para ajudar a conduzir a Europa para um espaço com mais respeito do que onde se encontra atualmente».

Ao sair do debate, a Emmaus manifestou a sua alegria por ter participado num intercâmbio realmente livre, com uma atenção autêntica que lhe permitiu sublinhar a «Regra de ouro», comum a todas as religiões, desenvolvendo-a segundo a «arte de amar». Uma apresentação enriquecida com exemplos de muitas cidades que se dedicam à procura da fraternidade, experiências que testemunham o esforço por atuar o diálogo na vida quotidiana, pelas ruas e nos bairros das nossas cidades, durante o ano inteiro.

As conclusões do debate vão confluir no material de discussão do primeiro Congresso anual sobre os direitos fundamentais da União Europeia, que se vai realizar nos dias 1 e 2 de outubro de 2015 e que será sobre o tema «Tolerância e respeito: prevenir e combater o ódio antisemita e antimuçulmano na Europa».

pela redação

Viagem à Bielorrússia e à Polónia

«Sintam-se corajosos!»

De 22 de maio a 3 de junho, Maria Voce e Jesús Morán foram visitar as comunidades do Movimento dos Focolares naquelas nações

Na Bielorrússia, os contactos com o Movimento iniciaram-se no princípio dos anos '90. Atualmente há três comunidades distribuídas pelo País, com cerca de 80 internos, de várias idades.

Foi muito significativo o encontro com o arcebispo, monsenhor Tadeusz Kondrusiewicz, que afirmou: «O mundo de hoje necessita de testemunhos. Acreditam em vocês porque vêem a vossa vida, não porque dão lições. O testemunho dos leigos é muito importante: têm o *virus* do Evangelho. [...] Na Bielorrússia está a nascer qualquer coisa. Não tenham medo de vir a esta terra, porque aqui podem desenvolver-se». A garantia para um desenvolvimento está



Bielorrússia, 23 de maio de 2015.
Com a comunidade de Minsk

na própria sofrida história dos bielorrussos e demonstra-o também a grande colaboração que existe entre ortodoxos e católicos, que são 17%.

No dia de Pentecostes a Emmaus e Jesús deixaram a Bielorrússia para ir à Mariápolis Fiore, pouco distante de Varsóvia.

A cidadela está «em flor» pela alegre presença de todas as focolarinas e os focolarinos da Polónia, e até a natureza sublinha a festa. A Emmaus não escondeu a sua alegria de encontrar «esta fileira de filhos de Chiara, que se mantiveram fieis» e, introduzindo as respostas às



Polónia, 24 de maio de 2015.
A chegada à Mariápolis Fiore

perguntas, disse que poderia sintetizar tudo na palavra *comunhão*. «*Comunhão mais profunda, mais verdadeira... seria a resposta para todas as perguntas. Na comunhão não encontram só a resposta, mas o princípio de todas as respostas*».

Seguiram-se outros encontros com sacerdotes e religiosos e depois, em Cracóvia, com os gen3. A Emmaus e Jesús convidaram sempre os polacos a oferecer os valores que possuem. «*Sintam-se corajosos!*» disse-lhes a Presidente, à semelhança do «*Não tenham medo, abram as portas a Cristo!*», do grande Papa polaco, agora santo, juntamente com outros gloriosos filhos desta pátria, como Massimiliano Kolbe e Faustina Kowalska.

Aos jovens em Katowice, que perguntaram à Emmaus e Jesús quais foram as suas impressões desta viagem, ela confiou que, como Presidente do Movimento, teve ocasião de visitar quase todo o mundo e que Deus ajudou-a sempre a descobrir o tesouro que existe em cada país. Declarou que encontrou na Polónia um povo a cem por cento, que sabe quem é, de uma integridade rica de valores, e não hesita: «*valores que, porque são humanos, são cristãos*». Não escondeu a sua preocupação de que outros países pudessem estragar este

carácter que torna os polacos «únicos».

Jesús contou que, no paço episcopal de Cracóvia, tinha visto uma enorme série de fotografias de S. João Paulo II e aquilo que se podia deduzir das imagens era o "homem" em toda a sua plenitude, e explicou-o através das palavras da *Gaudium et spes*: «Cristo revela... plenamente o homem ao homem e mostra-lhe a sua altíssima vocação». No paço episcopal de Cracóvia, a Emmaus e Jesús encontraram-se com o cardeal Stanisław Dziwisz, que desejou que o Movimento cresça e se difunda na Polónia.

Um momento importante foi a participação da Emmaus e de Jesús no Centro de Cultura e Diálogo Doha, no dia 29 de maio, na III Jornada do Cristianismo entre os Muçulmanos na Polónia: «Isa bin Marjam / Jesus Cristo – Irmão de cada um de nós». A jornada do diálogo insere-se no

percurso dos três eventos principais do diálogo entre cristãos e muçulmanos na Polónia. A Emmaus, depois de ter salientado o valor do mandamento por excelência de Jesus, fez votos de que Deus

«o maior e mais misericordioso, nos ajude a olharmo-nos todos como irmãos com a medida que ele nos revelou, para construir juntos um mundo onde reine a fraternidade e, por isso, a paz total e verdadeira, que todos ansiamos».

Neste encontro, pelo convite do imã Abdul

Jabbar Koubaisy, diretor do Centro e vice-presidente da Liga muçulmana na Polónia, entrevistaram representantes das autoridades locais, das Igrejas católica, ortodoxa e luterana. Da Universidade da Silésia e também da Comunidade hebraica de Katowice.

A coroar a viagem à Polónia, no domingo, 31 de maio, num teatro de Varsóvia, realizou-se o encontro da Emmaus e Jesús com todos os membros do Movimento na Polónia, que apresentaram aquilo que surgiu nesta terra com a chegada da espiritualidade da unidade, vinda da antiga Alemanha de leste. Uma viagem fantástica permitiu, através de experiências, apresentações, números artísticos e folclóricos, passar de cidade em cidade e dar a conhecer aquilo que o Carisma produziu em mais de quarenta anos. Cada protagonista colocou uma flor numa jarra, formando no fim um maravilhoso bouquet, que ofereceram, aos convidados de honra, como mensageiros de Maria, rainha da Polónia.

A Emmaus contou-lhes que, desta viagem, levava: «*admiração e gratidão a Deus por vocês!*». A volta ao «*jardim polaco*» terminou com a canção à Senhora negra de Czestochowa. A Emmaus lembrou-se que uma das antigas canções do Movimento sobre os atributos de Maria, diz que ela, em Czestochowa é «escudo do mal». A história testemunha-o e a sugestão final da Emmaus aos polacos é uma consequência disto: «*Se Maria é rainha, façam-na reinar!*».

Tanino Minuta

Ver em Mariapoli online www.focolare.org/notiziariomariapoli as reportagens das várias etapas da viagem à Polónia e Bielorrússia



Katowice, 29 de maio de 2015.
Na jornada do diálogo



Grandes Zonas

Primeiro encontro dos Delegados da Europa Fazer crescer a comunhão

De 1 a 3 de junho, na Mariápolis Fiore, Cidadela da Polónia, encontraram-se os Delegados da Grande Zona da Europa.

Esta nova realidade abrange 51 países, de 47 línguas oficiais, e com cerca de 800 milhões de habitantes. Vai desde a Gronelândia até ao ponto mais oriental da Sibéria e inclui os países asiáticos: Cazaquistão, Quirguizistão, Tajiquistão, Turquemenistão, Uzbequistão.

Este primeiro encontro demonstrou já que a nova Grande Zona da Europa ajuda a ir para além do limiar da fronteira de cada país, e faz crescer a comunhão também a nível internacional.

Um dos principais objectivos da «nova configuração» é precisamente que a comunhão seja vivida em todos os campos e esferas de actividade. Não basta, contudo, ligarmo-nos através dos meios de comunicação, é preciso encontrarmo-nos frente a frente, «poder olharmo-nos nos olhos», como disse um dos Delegados. Por isso, decidiu-se alterar as datas de todos os programas anuais das zonas para, deste modo, abrir as várias actividades a uma participação internacional. Também se pretende incentivar visitas de colares, núcleos, unidades gen, comunidades lo-

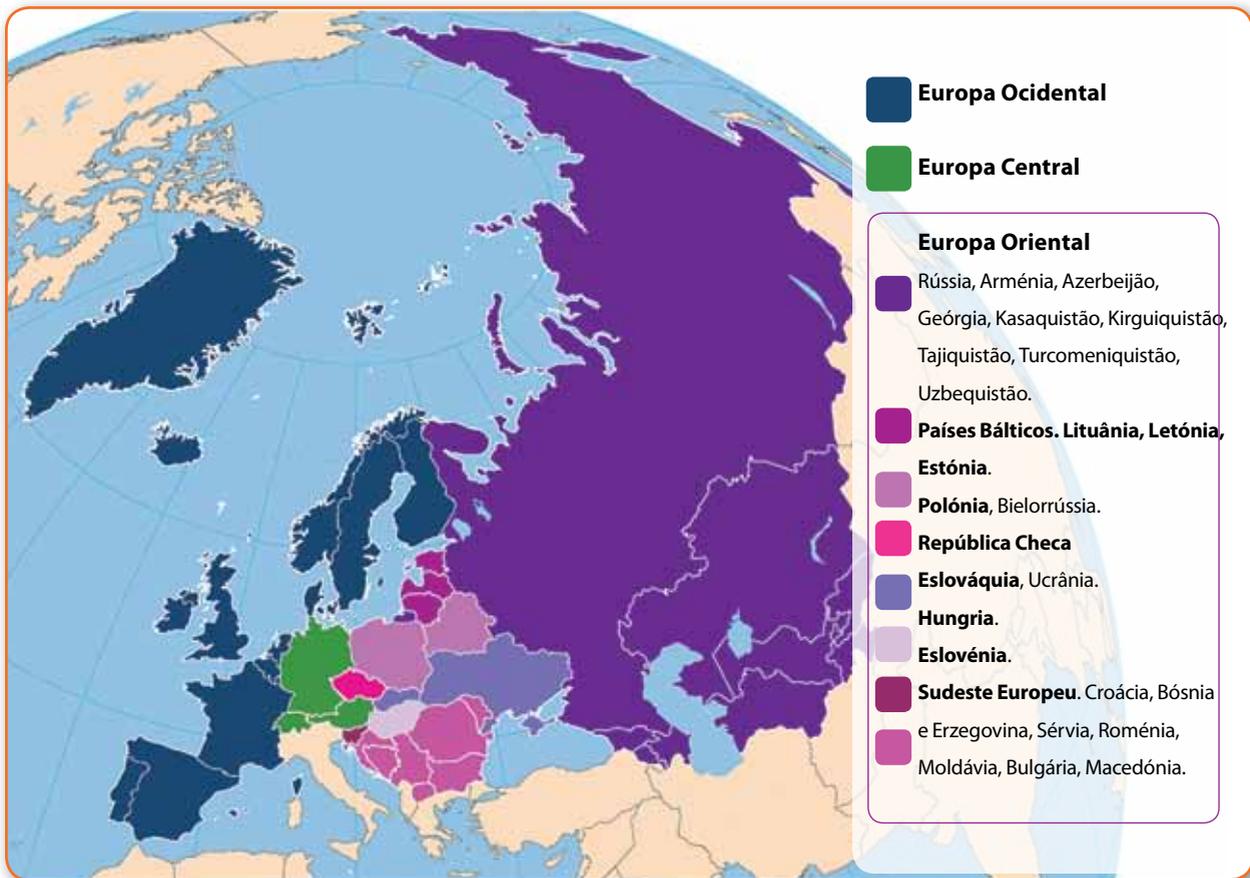
cais... às respetivas realidades de outros Países.

Os Delegados de Zona tiveram um longo diálogo com a Emmaus e com o Jesús. No final, diziam que viveram «um forte momento de Deus, no qual se via abrir-se, passo a passo, uma estrada nova e luminosa para o Movimento na Europa».

Falando, aliás, da «nova configuração», a Emmaus tinha reafirmado que o conceito que a sustenta é o mesmo das origens, «o conceito da praça dos Capuchinhos. Por isso, não é um conceito de uma organização maior, de uma maior difusão... É um conceito de uma maior unidade, de uma maior partilha, de uma maior intensidade no viver uns pelos outros. E depois, tudo o resto virá por acréscimo».

Um outro tema foi a atualização do carisma que, em resumo, quer dizer: ver as necessidades das pessoas de hoje e procurar respostas para elas. Como nos sugeria a Emmaus, perguntar a nós mesmos: «Se Chiara estivesse aqui hoje, o que faria? [...] Sem dúvida que encontraria um modo para responder. Nós devemos encontrar esse modo





vivendo o Ideal, vivendo o Carisma». Não nos podemos limitar, simplesmente, a seguir as respostas anteriores, mas também «não estigmatizar» o passado e dizer: Mas então fizeram tudo mal porque... Não! Fizeram aquilo que naquele momento era tido como o adequado, como o exato, para responder às necessidades daquele momento. Terão existido erros, como existirão erros também aquilo que nós fazemos».

Na Grande Zona da Europa existem várias Cidades em diversas fases de desenvolvimento. Verdadeiros tesouros! As Cidades, qualquer que seja a situação, inicial, mais desenvolvida, menos desenvolvida, segundo a Emmaus, são «realidades para defender, para proteger e para desenvolver dentro do possível, de modo que possam desempenhar o seu papel», também como pontos de irradiação. Em cada uma delas deveria identificar-se o serviço específico que pode pres-

tar, «de modo que todas as Cidades possam ter a sua característica» e possam estar ao serviço das outras Zonas.

No encontro foram referidas, de um modo sereno, também dificuldades suportadas no passado por alguns países. O facto de terem sido ouvidos e compreendidos, permitiu “voltar a página”.

A Assembleia geral de setembro passado destacou a importância da formação. É, por isso, uma grande oportunidade para a Europa que Montet, a Cidade internacional de formação, esteja situada na Suíça e, por isso, no território europeu, porque deste modo poderá usufruir sempre dela. Foi por esse motivo que os responsáveis de Montet estiveram presentes no encontro na Polónia e continuarão a participar nos encontros dos Delegados de Zona da Europa.

Severin Schmid



Up2Me Project

Formação global à luz do Carisma

Um percurso para ajudar os jovens a formar a consciência moral, dar razão às suas escolhas e ser capazes de as exprimir.

Realizar um projecto de formação, tendo em vista a afetividade e a sexualidade para um crescimento completo e harmonioso de pré-adolescentes e adolescentes. É este o objectivo de Up2Me, isto é, «depende de mim», o percurso concebido e desenvolvido por Jovens para a Unidade, Famílias Novas e Ações de Famílias Novas Onlus, em conjunto com uma equipa de peritos de várias áreas, e em colaboração com o Instituto Universitário Sophia (IUS).

O Up2Me nasceu para ir ao encontro de muitas perguntas dos gen3 e dos Jovens para a unidade, de modo a poderem justificar o seu estilo de vida, muitas vezes diferente e contrário àquele que encontram à sua volta. O Up2Me pretende também responder às questões dos pais, assistentes e animadores de um percurso de formação global e sistemático para jovens, tendo em vista a afetividade e a sexualidade. Uma vez terminado o período experimental, o projecto será alargado aos jovens das paróquias, escolas, grupos e associações juvenis. «É uma ajuda para me conhecer a mim mesma, física e mentalmen-

te» definiu-o uma gen3, e uma outra falou dele como de «uma ocasião para falar de argumentos importantes e delicados, de que não se tem, todos os dias, a oportunidade de discutir com os peritos».

O Up2Me é um percurso moderno e inovador, que parte da visão antropológica originária do carisma da unidade. A pessoa é um paradigma de referência no seu estar em relação com o outro, na sua capacidade de ser amada, de dar e de receber. O Up2Me é uma coisa importante – explicou Piero Coda, presidente do IUS – não só porque tem um objectivo preciso, concreto, de grande relevo no projecto educativo da Obra, mas também porque representa pôr em prática um primeiro segmento do projecto mais amplo, que é o projecto formativo, global e integral que tem origem no carisma da unidade».

Além disso, o Up2Me está em sintonia com as propostas resultantes da Assembleia de 2014. Insere-se no «sair», adaptando-se, nos conteúdos e na linguagem, a todos os jovens; é fruto da colaboração de várias realidades da Obra e,



portanto, concretiza o «juntos»; oferece um curso de formação para jovens e adultos estando, por isso, em sintonia com o objectivo do «devidamente preparados».

O trabalho em equipa com os peritos da Obra (médicos, psicólogos e pedagogos) e membros dos Centros Famílias Novas e Jovens para a unidade, também ajudados por experiências realizadas neste âmbito, em algumas Zonas, permitiu concretizar um percurso subdivido de acordo com três faixas etárias: dos 9 aos 11 anos, dos 12 aos 14 anos e dos 15 aos 17 anos. Para cada uma delas foram elaboradas 10 a 12 unidades didáticas, que abrangem um programa formativo de alguns meses.

E a luz do Carisma ilumina não só os conteúdos, mas também a metodologia, que é completamente interativa e adaptada às várias faixas etárias. O programa tem por base a visão que o Carisma nos dá e que nos permite olhar para as pessoas de forma integrada, fazendo-a compreender no seu estar «em relação». O objectivo é permitir que os adolescentes formem a sua própria consciência moral, que os irá ajudar a dar uma razão às suas escolhas e os irá tornar capazes de as exprimir. Os jovens, estimulados por alguns *input*, são encorajados a empreender um percurso pessoal de formação, para conseguirem tomar decisões sobre valores importantes, que dizem respeito à sua vida pessoal e à vida colectiva. Foram muitos os momentos de diálogo entre os jovens e com os peritos.

Para cada um dos grupos de jovens, o programa é seguido por dois tutores: duas pessoas adultas (um homem e uma mulher) preparados para esta função, através de cursos específicos. O primeiro terá lugar em Itália, de 18 a 22 de Novembro de 2015 e, de igual modo, os primeiros grupos de iniciação de Up2Me poderão começar já em janeiro de 2016, em vários países da Europa. Entretanto, para avaliar o campo de validade do projecto, enquanto se definiam os seus conteúdos, concluíram-se duas experiências piloto com grupos de gen3 e Jovens para a unidade, em Turim e na província de Roma. Está, entretanto, em vias de definição também um curso paralelo para pais que estejam interessados. O «Up2Me fez amadurecer em mim um processo de desenvolvimento que, sem dúvida que, sozinho, não conseguiria obter» disse um dos rapazes que participou no grupo piloto. E um outro: «O Up2Me é um impulso para ir contra a corrente, no que diz respeito àquilo que os media nos oferecem, e para criarmos a nossa própria opinião sobre o que significa lidar com a sexualidade e a afectividade». «Depois do Up2Me – concluiu uma rapariga – mudei o modo de olhar para as pessoas que me circundam. Comecei a pensar não só como é que eu raciocino, mas também como é que raciocinam os outros. Portanto, no relacionamento com os outros, não ficar só com as minhas ideias, mas também com as da pessoa que está à minha frente».

Anna Lisa Innocenti

Bispos em Bangalore

“Somos devedores desta luz para com o mundo”



«É uma atmosfera de família, onde cada um se sente em casa. Aqui podemos comunicar livremente as experiências e pensamentos profundos. Sentimos, de modo muito forte, a necessidade disto». Foi assim que um dos participantes expressou a realidade vivida durante o encontro dos Bispos da Ásia, com o título «Eucaristia, mistério de comunhão», realizado em Bangalore, de 3 a 6 de junho passado. O acontecimento foi precedido por dois dias de comunhão intensa e de vida de focolar entre alguns Bispos «animadores». As palavras de Klaus Hemmerle – «Somos devedores desta luz para com o mundo» - gravaram-se no coração deles, estimulando-os a ser «fermento» no exercício do próprio ministério, segundo o estilo de vida típico do carisma.

Notava-se a proveniência de diferentes nações asiáticas nos 22 bispos presentes (Coreia, Filipinas, Índia, Paquistão, Tailândia), mas também o grupo dos 12 bispos indianos, vindos dos mais variados pontos deste subcontinente: dos Himalaya, Kerala, Bengala. «Era já um sinal de esperança, ver celebrar um Bispo da Índia com um do Paquistão», comentava um deles. A unidade experi-

Foi a primeira vez que se realizou, na Índia, um encontro de Bispos amigos do Movimento

mentada nestes dias criou um novo elo de ligação entre os Bispos amigos, na Índia, e o desejo de manter o relacionamento para se ajudarem reciprocamente, com o espírito de Chiara Lubich.

No dia a seguir à sua ida à conferência Episcopal Indiana – em 2001 - Chiara, consciente das dificuldades vividas pela Igreja na Índia, até ao surgir de perseguições impre-



- Da esq: os bispos mons. Joshua Mar Ignathios Kizhakkavettil e mons. Gerardo Alminaza com a prof. hindu Shubada Joshi

vistas numa nação tão tolerante, – constatou o quanto a vida, fruto do Carisma, poderia servir de consolo aos Bispos. Disse: «ao mesmo tempo que damos ao mundo a nossa espiritualidade (antecipada pelo testemunho), fazemos uma obra de evangelização. A nossa vida mostra-se assim inédita, mas eficaz para dar Jesus ao mundo». Esta consideração é hoje, como nunca, atual e viva: «na minha Diocese, tenho algumas dificuldades com seitas hindus, que semeiam uma campanha de ódio e nos põem à prova – reconhecia um Bispo -. Sei que voltará a acontecer, mas agora percebi o que fazer: amar com o Amor



No centro mons. Francis Kalist e à direita mons. Patrick Nair (emérito), bispo de Meerut (Índia)

de Deus, hindus, muçulmanos, cristãos ...são todos filhos de Deus. Deus continua a amar-nos».

No programa - elaborado pelos Bispos animadores, com a ajuda da Pina Peduzzi, da secretaria dos Bispos e com a Juliana Taliana e António Salimbeni, delegados da zona - a reflexão foi centralizada na Eucaristia. Foram momentos de igual importância a intervenção da Lucia Abignente sobre o reconhecimento da santidade em Chiara e a do bispo Robert Mallari sobre o diálogo com as Religiões Orientais, bem como as notícias da viagem do papa Francisco às Filipinas e à Coreia. Conosco estava o bispo Lazzaro You da diocese de Daejeon: o desejo de comunhão com o papa levou-o a comunicar-lhe a iniciativa de se realizar a jornada da juventude asiática, na sua diocese. Nunca teria imaginado que a resposta à sua carta teria sido a decisão de sua Santidade de participar nela, pessoalmente!

Num grande silêncio de alma foram ouvidas duas intervenções de Chiara durante o simpósio hindu-cristão do ano 2002. No seu

testemunho, a professora hindu Shubada Joshi, confiou: "antes de conhecer Chiara, encontrei-a através dos membros do Focolar. Era um diálogo da vida, pensar juntos, estar juntos". Com comoção falou ainda do impacto vital deste encontro: Chiara transbordava de néctar, de sabedoria espiritual". Foram como um eco destas palavras as expressões decididas do bispo indiano Francis Kalist: "colhi, em Chiara, o seu amor apaixonado por Deus...é o São Paulo de hoje". A comunidade de Bangalore, com um amor concreto e discreto fez de cenário do encontro. Um Bispo comentou: «Tocou-me muito a função que o Focolar tem na Igreja: a comunhão, a unidade sem a qual não se constrói» e outro:« Jesus pediu-nos para amarmos como Ele nos amou; o Focolar ensina-nos a amar como Jesus ama».

O Pacto do amor recíproco, vivido por todos em plena adesão, selou a atmosfera sobrenatural do encontro e abriu-se logo para perspectivas novas: «no próximo encontro que fizer com os sacerdotes vou dizer que estou pronto a dar a vida por eles», afirmou um Bispo; e outro: «Chiara realmente faz mover a Igreja, constrói a Igreja e também faz andar o mundo. Fazem-se, às vezes, encontros para Bispos, mas são jurídicos, falta a comunhão. Aqui há ar de família, eu saio daqui renovado».

No fim do encontro, a gratidão pela realidade vivida não pôde encontrar palavras diferentes para se exprimir senão o canto do *Magnificat*.

Francis X. Kriengsak Kovithavanij, moderador



Juntos para o «Ut omnes»

Hoje, no mundo, os casais em que ambos os conjugues são focolarinos casados, são cerca de 800. A sua peculiaridade vista também no encontro com o Centro da Obra

Muitas famílias-focolar, no decurso da sua vida, efetuaram pelo menos uma transferência pela Obra. Referimos a história de uma delas que, das Filipinas, se mudou durante três anos e meio para a África do Sul.

Das Filipinas para o mundo: a aventura de Tess e Floro

«Como família, estávamos num momento feliz: pouco mais de cinquenta anos, estávamos bem de saúde, e com uma empresa de distribuição de jornais e revistas em contínua expansão, também pelo aporte organizativo dos nossos três filhos. Foi então que, em 2003, nos foi proposto que nos transferíssemos para a África do Sul, ao serviço da Obra. Um raio em céu sereno.

Na verdade, não é que não tivéssemos já pensado numa transferência. No chamamento a sermos focolarinos casados, a ideia de nos transferirmos, por Deus, era aquele «algo mais» de radicalidade que tanto nos tinha atraído. Assim, após a surpresa inicial - não era fácil deixar tudo: empresa, filhos, netos - aceitámos esta proposta como uma formidável oportunidade para renovar o nosso "sim" a Deus.

Em Joanesburgo, a comunidade do focolar recebeu-nos com calor e confiança, mas a inserção no mais vasto ambiente social não foi fácil. Os anos anteriores à queda do apartaid em 1994 tinha deixado muitas cicatrizes. A guiar-nos estiveram as palavras de Chiara: "O amor vence tudo". E, lentamente, as pessoas do lugar começaram a convidar-nos para as suas iniciativas.



Floro, na Comissão para a unidade dos cristãos, partilhou a sua experiência no trabalho, com um grupo de empresários, dando também uma aula sobre Economia de Comunhão. Fomos convidados pela comunidade indiana, guiada por Ela Gandhi e envolvida na Comissão governativa sobre HIV, procurando apoios à distância para crianças orfãs, nascidas com esse vírus. Em 2005 ajudámos vários Movimentos a participar no Familyfest e o Arcebispo pediu-nos para o ajudar a reativar uma "Mesa-redonda sobre a Vida Familiar".

Em Joanesburgo e Mafikeng (África do Sul) e em Lilongwe (Malawi) frequentámos a comunidade filipina, dando vida a um pequeno grupo virtual do "Passapalavra" que, com o tempo, cresceu e chegou a outros Países. Por causa da legislação local não pudémos desenvolver uma atividade profissional, mas recebíamos o necessário para viver do lucro da nossa empresa nas Filipinas, continuada pelos nossos filhos.

Após três anos e meio, voltámos a Manila. E aqui sentimo-nos "perdidos"! Na África do Sul estávamos envolvidos em muitas atividades e agora parecia-nos já não encontrar um lugar.

Mais um ser do que um fazer

O encontro com o Centro da Obra

Entre os diversos encontros do Centro da Obra, pela primeira vez, esteve também aquele com as Famílias-focolar, uma realidade ligada diretamente à Presidente, coadjuvada por um gabinete próprio, confiado a Maria e Raimondo Scotto, com os quais colaboram Letizia e Luca Magri.

No dia 26 de fevereiro, dia do encontro, a Emmaus tomou mais do que uma vez a palavra, confirmando a preciosidade, para a Obra, das Famílias-focolar. Porque são «como um focolar, isto é pessoas que deram a vida a Deus pelo “*Ut omnes*”, pela mesma meta pelo qual a deram também os outros focolarinos».

O seu ser «focolar», sublinhava Jesùs, é uma característica ainda completamente a descobrir. Eis porque é importante a formação da sua especificidade. «A família-focolar – disse o Co-presidente - é mais um ser que um fazer. Une a sacramentalidade (que é histórica) à profecia. Uma novidade que devemos descobrir também como responsáveis e como focolarinas e focolarinos de vida comum». A Emmaus depois concluiu: «Quando ambos na família têm a vocação a ser focolarinos e fazem as promessas, é necessário festejar, como se faz festa quando se abre um focolar. É preciso assinalar este momento, de modo que toda a Obra tome consciência que se abriu um outro focolar na zona».

Foi uma prova que vencemos na unidade, como casal e com os nossos responsáveis, que nos têm ajudado a encontrar lentamente o nosso papel nas atividades zonais. Foi-nos também pedido para colaborar em congressos e *workshop* sobre a família, em diversas áreas asiáticas.

Entretanto, na África do Sul, três focolarinas casadas e dois focolarinos casados completaram a formação, dando um notável contributo aos focolares. E em Lilongwe, onde não há focolar, uma família-focolar dá continuidade a toda a comunidade do Malawi. Voltámos já duas vezes a encontrar a comunidade, com quem estamos em contacto regular.

Constatamos que quem beneficiou mais com esta transferência fomos nós os dois, como casal, e os nossos filhos que, encontrando-se sós a gerir a empresa, se consolidaram como pessoas, tanto espiritualmente como sob o aspecto humano e profissional».

por Maria e Raimondo Scotto



Focolarinos casados

Entre dois fogos

Cinquenta participantes, da Ásia, África, América e Europa, na escola realizada em Castel Gandolfo, de 10 a 24 de maio



Com a Emmaus e Jesús recapitularam-se as etapas principais do retiro do Conselho, em Trento. Para todos foi uma tarde no seu focolar! Foram importantes algumas das suas considerações sobre a vocação. «Como popos casados - escrevem eles numa mensagem, agradecendo-lhe - sentimos esta tarefa: fazer expandir a luz de Deus, sair em direção aos outros, em direção a todos, para que o mundo entre no focolar e o focolar o ilumine em todas as suas realidades».

De particularíssima luz foram dois momentos dedicados a Foco. Acompanhados por Alberto Lo Presti, leram-se e aprofundaram-se algumas páginas suas. «Chiara Fundadora, Mestre que nos foi dada por Deus, Mamã nos-

«Foi para mim uma escola de vida, formativa em todos os sentidos». Uma impressão que exprime bem quanto viveram os participantes na escola para focolarinas e focolarinos casados, realizada de 10 a 24 maio. Mas a escola iniciou-se, realmente, a 9 de maio: enquanto os participantes estavam a chegar, a Graziella De Luca partia para o Paraíso. No dia seguinte chegou também ao Paraíso Emanuela Ramogida, de Roma, que se preparava para ser uma focolarina casada. A escola colocou imediatamente as raízes entre o Céu e a Terra. «A vida de cada momento de focolar – disse uma focolarina casada – fez-me compreender melhor a vontade de Deus sobre mim: ser um outro Jesus, ser uma outra Maria».



sa, caríssima – escreve Foco a Chiara após ter ouvido um seu tema sobre a vocação dos casados – [...] Tu disseste-me que também eu, agora, sou focolarino. Obrigada, obrigada, Chiara: é o ápice dos meus sonhos e orações. Tu fizeste



Momentos do encontro com o Marco Tecilla



As apresentações de Mariele Quartana e Alberto Lo Presti

a minha vida feliz: deste-lhe uma meta divina. Milhares de leigos teriam ficado, ao longo dos séculos, comovidos e felizes por uma dádiva tão nova e tão maravilhosa».

Agradecimento, mas também profunda simplicidade e humildade caracterizaram Foco como focolarino casado. E Deus fê-lo instrumento para momentos importantes da história da Obra. Repercorrê-la ajudou a compreender o seu contributo profético. Interessante o comentário que Alberto Lo Presti fez ao descrever aquele dia, quando Chiara «entrou no seio do Pai». Recordando que Foco teve de sair, porque tinha sido convidado a ter uma conferência, observou: «Acontece tantas vezes aos casados. No fim de um belo retiro, para o focolarino casado chega o momento de voltar para casa. É um aspecto muito especial de Jesus Abandonado, sempre presente na sua vida. Quando está em casa não está no focolar, quando está no focolar não está em casa. É ali que ele é chamado a escolher Deus como “tudo” da sua vida».

Uma tarde, toda a escola se deslocou ao Centro da Obra, recebida pelos conselheiros, que alguns conheciam desde quando eram gen4! «Os responsáveis de cada aspecto – escreve uma focolarina – permitiram-nos aprofundar a nossa vocação e enamorar-nos ainda mais dela ».

No fim de semana, distribuídos em pequenos grupos, foram todos para os focolares da Mariápolis Romana: cozinha-se, passeia-se, fazem-se meditações, dividem-se alegrias e dores.

Um outro momento especial, que se tor-

nou solene para todos, porque cada um renovou o seu «sim, foi a Missa celebrada por Jesús, com a presença da Emmaus, no decurso da qual Lupita, focolarina casada do México, pronunciou as promessas perpétuas.

Quando a escola iniciou, todos tinham a impressão de chegar do «fogo» da família; depois, durante duas semanas, Deus pediu a cada um para o deixar, para mergulhar no «fogo» do focolar. Estamos no último dia, agora de novo é necessário «perder» para voltar para casa e ser só uma graça para quem estiver ao nosso lado. Ajudou-nos a experiência de Marco Tecilla, que nos levou a todos ao primeiro focolar masculino. Iniciou sozinho e um dia, olhando para o quadro de Jesus Abandonado, pensou: «Mas eu não estou só, estamos eu e Tu».

Depois, a chegada dos seus primeiros companheiros de focolar. As suas experiências contam da diversidade de carácter, das incompreensões, do recomeçar: «Recordo – confia – os saltos de alegria quando reconquistávamos a presença de Jesus no meio de nós».

Eis, estar «entre dois fogos»: contribuir para gerar no focolar um clima de família sobrenatural, fazer da família um focolar.

Antes de partir, troca de experiências. Uma, em nome de todas: «Senti-me verdadeiramente parte de um grande e único focolar. Levo no coração a realidade do mundo unido e farei o possível para o levar também ao meu País, à minha cidade... aos lugares onde o próprio Deus quer que eu esteja».

Salvatore e Adriana Lamagna

Media

Violeta e (é) unidade

O encontro com as realidades ligadas ao aspecto «Unidade e meios de comunicação» encerra a série de encontros dos Centros com o Centro da Obra.

Como formar profissionais que trabalhem no campo dos media, disponíveis para um trabalho de equipa, animados pelo Ideal? O que significa estar a par e passo com o tempo, ou melhor, na vanguarda da utilização dos meios de comunicação tendo em vista a meta, o «*Ut omnes*»? Como comunicar com fidelidade criativa a luz do carisma? Que estratégias usar para gerir situações de «crise» com um influência sobre a comunicação e para ser utilizado pelos *social network*? Que instrumentos utilizar? Estas são só algumas das perguntas que o grupo das realidades relacionadas com o Violeta apresentou nos encontros com o Centro da Obra, a 29 de abril e a 13 de maio.

Acrescentamos a estas perguntas também o desafio perene das traduções, para manter sempre viva a dimensão mundial da Obra, a reflexão sobre o Noticiário *Mariápolis online*, como instrumento de «participação» para os mem-

brós do Movimento dos Focolares, a importância de criar uma coordenação de políticas informáticas e poder programar as atividades, quando estamos continuamente em momentos de ponta... E ainda, a questão do Arquivo geral do Movimento dos Focolares (ver caixa): material audio e vídeo em risco de se perderem por causa dos aparelhos de leitura, já obsoletos, sendo urgente a sua digitalização imediata, para referir um de muitos pontos.

São caminhos em aberto, pistas sobre as quais ainda não se chegou a conclusões, como referiu a Emmaus, e «*requerem por parte do Centro da Obra que tome consciência e posições muito concretas*». Prevê-se também a ideia de juntar ao tema do próximo ano – a Unidade – um aprofundamento sobre o aspeto do Violeta, em toda a Obra.

Apresentámo-nos como uma única equipa, com várias facetas: o grupo da comunicação (Conferência CH, CSC Media,



O grupo da comunicação



O gabinete da informática



Gabinete de traduções e gabinete de transcrições



CSC Média

SIF, Noticiário *Mariápolis*, focolare.org), o Arquivo Geral, as traduções, as transcrições e a informática, que constituem o esqueleto que permite que tudo o resto funcione. Foi clara a importância do percurso feito nos últimos anos, quanto à coordenação das redações que trabalham no Centro, e, mais recentemente, entre todas as realidades ligadas ao aspeto da Unidade e meios de comunicação. Vemo-la como a possibilidade, para nós, de traduzir em termos concretos as linhas da Obra: sair, juntos, devidamente preparados. Parece-nos indispensável avançar para uma maior integração dos nossos recursos: uma linha, a da integração, já mais ou menos em funcionamento, em todo o mundo da comunicação.

Entre as novidades apresentadas pelo Departamento da informática, também a nova versão do Indy, o sistema de arquivagem *online* dos textos de Chiara e da Presidência. Em síntese, eis as modificações:

- correção dos erros assinalados
- novas funções de busca rápida por data, tipo, língua...
- um novo visual na parte gráfica e uma melhor configuração para os dispositivos móveis
- mais conteúdos de Chiara Lubich e de Emmaus Maria Voce, Giancarlo Faletti e Jesús Morán (incluindo muitos do velho programa «Arquivo»)
- traduções de textos em inglês, francês, espanhol, português, esloveno, alemão,

coreano, holandês, (3000 no total)

- *video tutorial* atualizado

Foi dado particular relevo ao aspeto da formação. Lembrámo-nos que um grande número dos que trabalham, no Centro, na comunicação, está hoje aqui graças a apelos específicos quer de Chiara quer do Centro da Obra, que convidavam a formar as pessoas neste campo. Por isso é necessário sensibilizar sobretudo as novas gerações para um empenho (também como profissão) nesta frente estratégica. A propósito, Jesús reforçou a importância de um projeto de formação: «*Creio que agora é preciso uma mudança de mentalidade, uma vez que as urgências existirão sempre. Não é só o mundo que corre, também a Obra corre, temos muitas frentes. Mas, se não pensarmos num mínimo de projeção fundamental e estratégica segundo o caminho do mundo, tendo em vista o "Ut omnes", ficaremos de mãos vazias, ou seja, constataremos que não temos as pessoas (preparadas)*». Projetar, «*com alguns recursos e algum investimento*». Sem perder de vista que, «*através dos meios, fazemos experiências do "Ut omnes"*».

Por isso pensou-se numa *Summer School*, num estágio juntamente com os *media* no centro, abertos aos gen ou outros jovens que queiram fazer uma experiência deste tipo, num «gabinete de projectos» que possa apoiar o da «recolha de fundos», já ativa.



E, por fim, mencionaram-se as «duas coordenadas fundamentais do ser humano: o espaço e o tempo». A Emmaus lembrou que, «se o Arquivo é o tempo [que garante a continuidade da Obra]», as estruturas técnicas de serviço são «o espaço que permite che-

gar também a locais onde, até há pouco tempo, não se pensava ser possível». Um «obrigado a esta expansão do Violeta - a riqueza desta cor, que é a última mas que as engloba todas - e sobretudo: boa continuação».

Maria Chiara De Lorenzo



Arquivo Geral do Movimento dos Focolares

«Um organismo vivo de um povo em caminho»

Aprofundou-se esta realidade em contínuo desenvolvimento

O Arquivo Geral, que nasceu da própria Chiara há cerca de cinquenta anos, e desenvolvendo-se com o nascimento do Centro Chiara Lubich em 2008, está a ter mais um desenvolvimento.

O Arquivo Geral contém o preciosíssimo arquivo de Chiara, mas também os arquivos de Iginio Giordani, do pe. Pasquale Foresi, de mons. Klaus Hemmerle, das primeiras e dos primeiros focolarinos, da nova Presidência. Além disso, eles estão intimamente ligados aos arquivos dos centros que viram o nascimento e desenvolvimento de ramos e movimentos e os arquivos

das zonas que guardam a vida do Ideal encarnado nas culturas e nos diversos povos de todo o planeta. Nota-se, no coração deste Arquivo Geral, o palpitar da dimensão relacional, imprescindível expressão do nosso carisma.

Com grande paixão, profissionalismo e fidelidade, fez-se um enorme trabalho ao longo dos anos para salvaguardar este património. Por outro lado, tomou-se consciência de quanto há a fazer ainda sobre várias frentes, em primeiro lugar todas as digitalizações que, devido a máquinas obsoletas e aos formatos em grande transformação, têm

necessidade de um “investimento de forças”.

Foram tomados em consideração alguns aspectos e as deficiências que se notam com evidência e urgência e que requerem escolhas estratégicas e modalidades gestonárias partilhadas.

Foi feita a proposta de se constituir uma Comissão de trabalho arquivístico para fazer um estudo mais aprofundado sobre os vários componentes do Arquivo Geral, considerando o trabalho já feito, e para elaborar um projeto ou desenvolver aqueles em curso, de modo a responder aos desafios atuais. Esta Comissão deverá também preparar as linhas de orientação, simples e claras, que sirvam de referência para o Centro e para as Zonas, sobre esta matéria.

Outros argumentos propostos: iniciar uma práxis, para que o Arquivo de Chiara e de Igino Giordani sejam reconhecidos como de notável interesse histórico.



Depois de um diálogo aberto, que mostrava a alegria e o interesse dos membros participantes, foram importantes as conclusões da Emmaus e de Jesus Mòran:

Jesus: *«Parece-me importante dar uma veste oficial: é verdade que o Arquivo sempre existiu, mas o de 2008 é diferente do de hoje. Agora podemos dizer que iniciou o Arquivo talvez como Chiara o tinha pensado para “a posteridade”. Tem uma veste que não tinha antes:*



agora é tudo muito importante, porque Chiara já não está e começa esta fase histórica».

Emmaus: *«O Arquivo foi fundado por Chiara, não por nós. Teve o seu desenvolvimento, uma história própria, que se concentrou primeiro no estudo das coisas de Chiara; agora tomou uma amplitude maior, porque entraram muitas outras realidades, porque o Arquivo de Chiara deixou de produzir documentos, parou ali. Neste sentido agora há uma novidade, porque já não são os novos documentos de Chiara, mas olha-se para tudo aquilo que Chiara produziu e aquilo que vem da Obra, isto é de Chiara hoje, porque a Obra é a vida de Chiara actualizada hoje. Portanto continua esta realidade e continuará ao longo dos séculos e não será nunca uma obra externa.*

O Papa disse que o tempo é mais importante que o espaço. Parece-me que o Arquivo vai mesmo nesta direção, porque não garante tanto a expansão da Obra fora, mas a memória da Obra, a continuidade da Obra no tempo, não só como recordação, mas como continuidade de inspirações, continuidade de Ideal a desenvolver».

Margarida Nobre, Jorge Lionello Esteban

Na Mariapoli online estão os vários encontros dos Centros com o Centro da Obra

Movimentos Paroquial e Diocesano

Muitos um só corpo

Congresso para animadores em Castel Gandolfo

De 23 a 26 de abril esteve uma média diária de mais de 900 participantes de, jovens e adultos, com um bom número de sacerdotes, provenientes de quase todos os países europeus e de alguns continentes extra-europeus.

«Sentimo-nos inteiramente Obra e inteiramente Igreja – disse alguém – e com esta consciência partimos para construir o “Ut omnes” nos lugares onde estamos».

A sensação de muitos foi de um Congresso especial, rico em experiências concretas e profundas, intervenções de alto nível e de uma comunhão espontânea e constante. Eram intermináveis as filas para a comunhão de alma. Uma atmosfera de grande alegria e sentido de família.

Vimos mesmo realizar-se o título do Congresso: «Muitos um só corpo». Começando pela preparação, feita no Centro com a secretaria do Movimento Paroquial e do Movimento Diocesano, com os Centros dos sacerdotes focolarinos e voluntários e dos gens, repetindo-se depois na mesma modalidade em diversas Zonas.

Algumas impressões: «O encontro foi um crescendo e de grande atualidade, em ple-



na comunhão com a Igreja e com o S. Padre. Concreto no sair, completando plenamente os diálogos com experiências de vida». «Tocou-me o calor que move todos os relacionamentos. Parece ter encontrado a mesma vida da primeira comunidade de Trento. Este ano, em que se aprofunda a Eucaristia, esta experiência fez-me compreender como viver o corpo de Cristo, sendo uma testemunha feliz do Seu Amor».

As meditações de Chiara sobre a Eucaristia entraram em profundidade; as celebrações eucarísticas foram momentos sagrados e de união com Deus. Vários participantes disseram que era como se estivessem a fazer a «primeira comunhão».



Contaram-se muitas experiências, na sala ou nos *forum*, de diversos pontos de vista e de diversas nações que realçaram a potência da «Obra a sair». Eram sobretudo sobre o diálogo a 360° nas paróquias e nas dioceses, o empenho pelas periferias e o impacto na sociedade civil. Num momento de crise, vê-se mais do que nunca atenta e vigilante a presença da Igreja: na ajuda aos sem abrigo, refeições solidárias, acolhimento de refugiados e imigrantes...

Foi também importante o diálogo a nível ecuménico, com experiências da Hungria com a Igreja luterana e na Roménia com a Igreja ortodoxa. Mas também o diálogo com as Grandes Religiões, sobretudo na Europa, onde a presença dos muçulmanos continua a aumentar.

A comunicação de Jesús foi um momento de grande luz para todos. O esclarecimento que deu sobre alguns termos como laicidade, eclesialidade, etc. confirmou em todos a dimensão universal, porque é eclesial, da Obra.

Mons. Giuseppe Petrocchi, arcebispo de Aquila, falou da «Igreja em saída», sublinhando o termo Igreja que, por si só, já é «saída» se for Igreja verdadeira, ou seja, com Jesus no meio. Realçou a dimensão mariana do Carisma, desafiando-nos a levar esta realidade a todos os níveis. Seguiu-se um diálogo com ambos, um diálogo concreto e rico de pistas.

O cardeal João Braz de Aviz retomou as quatro características da Igreja das origens (Palavra, partir do pão, união fraterna e oração) e comparou com a vida da espiritualidade da unidade. No diálogo surgiram os desafios pastorais da Igreja de hoje (famílias desfeitas, divorciados em novas uniões...) e o amor do



Com o Centro da Obra

No dia 20 de março foi o nosso encontro com o Centro da Obra. Estavam presentes também alguns membros da secretaria alargada do Movimento Paroquial e do Diocesano, que contaram duas experiências «históricas»: a de Vallo Torinese, com 40 anos de vida e a de Ascoli, que nasceu em 1973.

Era evidente que cada vez mais é necessário compreender como encarnar o Ideal nas diversas características da Igreja local, para dar resposta às necessidades específicas das localidades. E sublinhou-se quanto a comunhão entre todas as realidades da Obra nos irá permitir responder cada vez mais às necessidades da Igreja e da humanidade.

Os Movimentos Paroquial e Diocesano revelaram-se como uma expressão do génio eclesial de Chiara, instrumentos concretos para levar o princípio mariano a toda a Igreja, juntamente com toda a Obra.

Papa e da Igreja em querer ir ao encontro de todas as pessoas.

A festa final foi um momento bonito, alegre, que envolveu todos numa atmosfera de família sobrenatural.

Depois do Congresso houve uma escola para um grupo numeroso vindo da Argentina, da Costa Rica, da Venezuela e do Canadá. As muitíssimas experiências contadas deixam perceber o quanto o Ideal entrou em todos os campos e torna cada vez mais bela a Igreja e a humanidade.

pe. Sandro Salvucci, Sameiro Freitas, Marco Bartolomei



Consulta a especialistas

Igreja «em saída»

Uma iniciativa da revista de vida eclesial *Gen's* e do Anil da Obra

«Um assunto a que as várias correntes culturais têm dado muito espaço e que se poderá ampliar ainda mais».

«Trata-se de sair, de misturar-se. Entrar por todo o lado para levar a comunhão, a unidade».

«Estes dias fizeram-nos tomar consciência da densidade cultural que alguns assuntos requerem, para viver o "em saída". Ajudaram-nos a crescer, sob o ponto de vista da eclesialidade».

São alguns dos ecos sobre a Consulta a especialistas, realizada no Centro da Obra, nos dias 20-21 de maio: uma iniciativa da Revista sobre a vida eclesial *gen's* e do Anil da Obra. Participaram nela 88 pessoas: especialistas, responsáveis dos sectores eclesiais e coordenadores dos meios de comunicação do Movimento, além de membros do Conselho geral.

O objetivo desta consulta era evidenciar caminhos de encarnação do Carisma, na Igreja de hoje. O tema deste ano foi: «"Igreja em saída": da *Gaudium et spes* à *Evangelii Gaudium*».

Na abertura, a Emmaus sublinhou o nosso contributo específico à vida da Igreja e da humanidade: um contributo que nasce de Jesus no meio.

Em quatro sessões – cada uma com duas intervenções de especialistas e um sucessivo diálogo – abordaram-se alguns temas de uma actualidade primordial:

- Igreja em saída: desde o Concílio Vaticano II à Encíclica *Evangelii gaudium* e perspectivas ecuménicas (Vincenzo Di Pilato e Callan Slipper)

- O lugar privilegiado dos pobres, no Povo de Deus: uma leitura sob o ponto de vista do Carisma (Lucas Cerviño e Geneviève Sanze)
- Relativismos e fundamentalismos: para uma leitura diferenciada (Herbert Lauenroth, Vincenzo Buonomo).
- Com a Igreja, em Itália, em vista do Encontro Eclesial Nacional (Florença, de 9-13 de novembro de 2015) (mons. Giuseppe Petrocchi e Claudio Guerrieri).

Cada dia começava com um "mergulho" no pensamento e vida de Chiara: trechos do Paraíso '49 sobre «A viragem para a humanidade», apresentados pela Vera Araújo, e o tema de Chiara ao Congresso *gen* de 1972 - «O Homen mundo», que nos impressionou pela sua carga profética e pela surpreendente actualidade. Momentos que ressoaram como um convite a voltar à simplicidade, quase escandalosa, do Evangelho.

No momento da conclusão, Jesús Morán expressou a sua alegria por este «*lugar de pensamento*». Pôs ainda em evidência alguns temas que devem acompanhar o caminho da Obra: a dinâmica do diálogo e a sua dimensão transcendente (que não parte do eu e tu); a provocação da pobreza (desde a escolha *dos* pobres ao começar *pelos* pobres, como Jesus e como Chiara); a mentalidade postmoderna, como o modo de pensar de hoje; a provocação de Maria como sendo o nosso «*estilo*», a elaborar sob o ponto de vista cultural.

pe. Hubertus Blaumeiser

Homens do diálogo

Os Centros dos Sacerdotes com o Centro da Obra

O desafio que assumimos foi o de apresentar um pequeno relatório comum a todas as realidades sacerdotais. Depois, cada uma desenvolveria a sua (sacerdotes focolarinos, sacerdotes voluntários, gens e Movimento sacerdotal). Foi uma boa oportunidade para, juntos, vermos o caminho que fazemos como Centros, também com a Secretaria do Movimento Paroquial e do Movimento Diocesano.

O escutar-nos foi a dominante deste encontro. No dia 11 de março iniciou-se um amplo diálogo a partir das perguntas que os Conselheiros Centrais da Obra nos fizeram. Era muito forte a experiência de se ser Obra Una: não se sentia que houvesse um «eles» e um «nós». Tudo era partilhado, alegrias e dificuldades, com uma imediata disponibilidade para encarar os pontos críticos expostos no relatório. Experimentámos a realidade da Obra de hoje: na sinergia e no sair. Vieram em relevo até aspectos que nós não tínhamos indicado como, por exemplo, o ecuménico. Mas sobretudo vieram em evidência notas, perguntas e propostas que abriam novos horizontes e possibilidades que não se tinha pensado antes.

Alguns dos pontos sublinhados e interessantes que saíram no diálogo:

- Pensar na elaboração de um caminho de formação para quem 'acompanha' outros, na perspectiva da espiritualidade de comunhão, em sinergia com os ramos ou se-

ções e talvez com o Instituto Universitário Sophia.

- A importância de acompanhar e cultivar os sacerdotes como Obra Una e nas comunidades locais.
- Uma opção preferencial pelos jovens, destinando importantes recursos humanos para os gens.
- Na formação, dar importância aos diálogos, sublinhando as experiências no âmbito ecuménico.
- Com a ajuda dos operadores da comunicação da Obra, encontrar soluções para a dificuldade de comunicação.

A propósito do Movimento sacerdotal, a Emmaus sublinhou que este não pode limitar-se ao âmbito interno dos ramos dos sacerdotes, que vê para fora de si, sendo assim Movimento sacerdotal do qual, ao mesmo tempo, são eles os animadores: *«deve existir esta corrente que vai, devem existir todos os outros sacerdotes que, tendo sido influenciados por estes ramos que se apresentaram unidos, depois levam o fogo do ideal a toda a parte»*.

Sentimo-nos impulsionados a dar mais atenção aos diálogos, recordando que, no grande encontro de 1982, na Sala Paulo VI, Chiara definiu o sacerdote como o «homem do diálogo». Foi espontâneo assumir esta definição como uma preciosa missão e um compromisso para o futuro.

Os Centros Sacerdotais



AMU

Em rede com todos

Ao serviço da humanidade para favorecer a comunhão.
O encontro com o Centro da Obra

Cadeias montanhosas sem fim, horas e horas de viagem contornando um penhasco, para visitar uma comunidade que tem as suas raízes nas culturas indígenas pré-incas. Ausência de água potável, eletricidade, comunicações, mas com muitíssima dignidade. Com estas imagens, que nos levam a todos até Bolívar, nos Andes peruanos, onde a AMU – Associação Ação por um Mundo Unido – Onlus – está a construir uma escola para uma centena de crianças, inicia-se, no dia 20 de março, o encontro com o Centro da Obra.

Ações de cooperação em contextos de pobreza total; ações que apoiam populações atingidas por catástrofes; projetos de educação e formação a temas de desenvolvimento; atividades de promoção e suporte dos projetos, através da generosidade e compromisso, tanto individuais como de grupos. São muitos os âmbitos nos quais a AMU, através das pessoas do Movimento e, não só, intervém, construindo as bases para um desenvolvimento de comunhão.

Para nós foi uma oportunidade especial para elaborar, juntamente com o Centro da Obra, um balanço dos mais de trinta anos de trabalho, partilhando experiências positivas, assim como as dificuldades que o mundo da Cooperação internacional atravessa e nas quais nos vemos envolvidos.

O intenso diálogo que se estabeleceu pôs em evidência o caminho já feito, assim como o muito que está por fazer.

Para dar uma resposta às muitas solicitudes das Zonas no mundo, num momento de crise

económica em que os fundos diminuem, nós procuramos implicar cada vez mais as comunidades locais e os grupos de apoio, em Itália e não só. Há na Obra vários organismos que trabalham no campo social: é necessário que, exteriormente, nos apresentemos juntos, para dar um testemunho de unidade e para que as nossas ações sejam mais eficazes. Por isso estamos a procurar sinergias com Humanidade Nova, JMU, AFN e também com outras AMU na Europa, assim como com as redes latino-americanas de associações que se inspiram no Ideal. Para estar a altura dos desafios do mundo actual é necessário uma profissionalização e eficácia cada vez maior nos vários contextos económicos, sociais, culturais. Por isso são necessárias várias atividades de formação para quem trabalha nos projetos sociais.

Estes e muitos outros desafios que a Amu quer enfrentar com confiança e um compromisso renovado, graças ao estímulo que a Emmaus deu. Ela sublinhou que nós estamos a viver um processo que se vive em toda a Obra: «Cada realidade teve que se distinguir para crescer, amadurecer, para descobrir a sua identidade própria ... depois tem que se pôr de novo em unidade com os outros. ... Tudo quanto fazem pode adquirir um maior relevo se for feito em rede com os outros, com a ajuda do Centro da Obra, através das cores».

Marcella Ferrari e a equipa AMU



Juntos pela Europa

Pôr em evidência a vida que existe

**A Secretaria Central reuniu-se com o Centro da Obra.
Desafios e perspectivas para o evento de Munique 2016**

«Tentar dar uma alma através da contribuição de experiências de pessoas de todos os Movimentos. Descobrir os conteúdos nas experiências». Foi assim que a Emmaus definiu o que é específico no «Juntos pela Europa» (IpE), expressão significativa do percurso de comunhão que se faz atualmente nas Igrejas, e que realça o aspecto carismático na dimensão ecuménica. Esta reflexão surgiu durante o encontro que o Centro da Obra teve com a Secretaria Internacional que está ao serviço de «Juntos pela Europa». A Emmaus especificou: «não é tão necessário fazer com que se compreenda o que é específico em cada Movimento, mas fazer com que se manifeste a vida e os valores que existem em muitas áreas da Europa e que devem revelar-se para poderem ser partilhados».

Entre os maiores desafios, vieram em relevo: manter viva a inspiração de Chiara Lubich, ser fermento de unidade num universo vário como é o de «Juntos pela Europa», favorecer o clima de amor recíproco num grupo em que algumas das personalidades carismáticas iniciais já o estão a orientar lá do Céu. «Se a Europa não descobrir a raiz, quer dizer Jesus Abandonado, o homem mundo – disse Jesús Morán – ela terá pouco para dar até sob o ponto de vista cultural, pois são essas as suas raízes. Não se trata de falar, mas sim de fazer com que se vejam as raízes cristãs da Europa».

Falou-se também da dimensão universal da inspiração inicial de Chiara, que considerava «Juntos pela ...» também fora deste continente. Olhando para o futuro, falou-se finalmente do evento internacional que se realizará em

Munique na Baviera (Alemanha), desde o dia 30 de junho até a 2 de julho de 2016. Os principais momentos serão: nos dois primeiros dias, um Congresso nas instalações do Circus-Krone Bau (2400 lugares), para o qual estão convidados os representantes de cerca de 300 Movimentos que aderiram ao «Juntos pela Europa», e uma manifestação pública na praça central da cidade, no dia 2 de julho.

Fortalecidos pela experiência de partilha e colaboração, vivida no meio das tendências nacionalistas e confessionais que andam pela Europa, procura-se dar um exemplo de unidade na multiplicidade, dando sobretudo testemunhos de reconciliação, fruto da vida quotidiana das diversas comunidades ou Movimentos e entre eles. Gostaria-se de poder envolver todos os Países da Europa e as várias Igrejas, com os respetivos responsáveis. O evento de 2016 é como uma etapa no percurso para o ano de 2017, cinquentenário da Reforma de Lutero, e pretende ser um sinal profético de uma Europa reconciliada e unida.

Anna Pelli, Diego Goller



No site de Juntos pela Europa, www.together4europe.org já é possível descarregar a brochura de Munique 2016 em várias línguas

Comunhão entre os Movimentos

Recordar uma batalha pensando na paz

No bicentenário da batalha de Waterloo, que mudou os destinos da Europa, uma jornada internacional de reflexão e oração pela reconciliação, promovida pelos Movimentos de «Juntos pela Europa»

18 de junho de 1815: a batalha de Waterloo marca o fim do domínio de Napoleão e define uma viragem na história moderna. Para celebrar os duzentos anos desse acontecimento, houve várias formas de o recordar, comemorações, manifestações. Entre estas, na Bélgica, realizou-se uma Jornada internacional de reflexão e oração intitulada «Paz e reconciliação na Europa». O evento insere-se no quadro da colaboração entre os Movimentos e as novas comunidades, que colaboram na atividade de «Juntos pela Europa». A jornada foi promovida pela comunidade «Verbe de Vie», que tem a sua sede perto do lugar onde a batalha se deu. Foi apoiada pelos vários Movimentos enriquecida por testemunhos e momentos de oração.

Estavam cento e quarenta amigos de «Juntos pela Europa», provenientes, além da Bélgica, da Inglaterra, França e da Alemanha.

Foi numerosa a participação de personalidades civis e religiosas, tais como o bispo de Liegi, monsenhor Delville e Hermann Van Rompuy, ex-presidente do Conselho Europeu.

As exposições ofereceram uma ampla visão histórica: narraram o percurso feito em direção à paz e do que o pode deter. Foram sublinhados os passos que se deram e os que há ainda para dar. Numa mesa redonda, moderada pela deputada e senadora honoraria Clotilde Nyssens – em cuja preparação foi possível apresentar o espírito e a trajetória de «Juntos pela Europa» – vários dos representantes dos Movimentos, entre os quais também o dos Focolares, com as suas experiências concretas, testemunharam o respetivo trabalho pela paz. No final Clotilde Nyssens comentou: «Através das experiências, sente-se a luz e o ardor de Chiara Lubich».

Canto Hesius, focolarina da Bélgica, quando fez a sua intervenção na mesa-redonda referiu algumas das experiências vividas no trabalho, com os jovens como promotores de paz e falou sobre o diálogo inter-religioso, evidenciando o que nos caracteriza: a fraternidade universal e a força, que é fruto de atuar juntos com a presença de Jesus entre nós. Também convidou todos a tornarem-se promotores de fraternidade. No fim, alguns foram agradecer-lhe pela esperança que as suas palavras suscitaram.

Colette Le Tolguenec, Ton Jongstra





A força da vida monástica

A graça da presença de um monge do Monte Athos
no Centro internacional do Movimento dos Focolares



A partir da esquerda, o senhor Avato, promotor do encontro, o monge Nikodhimos, o dr. Balsamà, da Associação «Juntos pelo Athos»

No sábado, dia 16 de maio, tem que se entrar em 'bicos-de pés' no Centro internacional do Movimento dos Focolares, em Rocca di Papa. Respira-se um clima especial: a visita do p. Nikodhimos do Monte Athos, que vinha participar numa conferência ecuménica para a unidade dos cristãos, coordenada pelo Centro «Uno». Duas horas de encontro entre espiritualidades diferentes, entre ortodoxos e católicos, mas, sobretudo, entre irmãos unidos pela busca de Deus. O P. Nikodhimos trouxe a força da vida monástica, e teve contacto com a realidade da vida dos Focolares.

O Monte Athos fica na península Calcídica, e é uma república monástica autónoma, sob a jurisdição do Patriarcado Ecuménico de Constantinopla.

Os habitantes são cerca de 1500 monges ortodoxos, divididos em vinte mosteiros. As

mulheres não podem entrar nos Mosteiros. A «Santa Montanha», como se costuma chamar, foi fundada por volta do século IX, e é um dos mais importantes centros ascéticos da cristandade. Ainda hoje tem uma função importante no desenvolvimento espiritual das comunidades ortodoxas, tanto no Oriente como no Ocidente.

No momento central do encontro de Rocca di Papa, faz-se a projeção de um documentário no qual o p. Silvestro Bejan, de Assis, que é o delegado geral para o ecumenismo e o diálogo dos franciscanos conventuais, filmou a primeira visita oficial de três franciscanos ao Monte Athos, em 2013, com a bênção do Patriarca Ecuménico Bartolomeu I, em agradecimento a uma visita deles a Assis. As imagens fizeram os participantes entrar nesse mundo em que os dias são marcados por oito horas de oração, oito horas de trabalho e oito horas para estudar, comer e dormir. Seguiu-se um diálogo com o p. Nikodhimos, em que ele sublinhou que um monge não tem nada para ensinar ao mundo, o que pode ajudar os homens é a sua vida de consagração a Deus.

O p. Nikodhimos, antes de partir, deteve-se no túmulo de Chiara Lubich. Consigo levava os dois primeiros livros de Chiara traduzidos em grego: *Meditações* e *Saber perder*.

Maria Wienken, Diego Goller



Na Mariápolis Lia estuda-se um modelo de gestão e desenvolvimento sustentável para a Cidadela

Inundações

Imaginar, projetar, realizar espaços de fraternidade

Território, sustentabilidade e atenção ao património sagrado: quatro palavras-chave do percurso que «Diálogos em arquitetura» está a desenvolver nos últimos meses.

Criar um laboratório permanente de reflexão e trabalho à volta dos temas da urbanística, da arquitetura, da relação entre espaço e sociedade, à luz do Carisma. Foi este o objetivo principal de «Diálogos em arquitetura» que, desde 2002, envolve arquitetos, engenheiros, docentes universitários e estudantes, empenhados a dar vida a espaços de comunhão e de reciprocidade nas cidades contemporâneas. Houve numerosos encontros que os viram recentemente, em várias partes do mundo. Três as temáticas principais, à volta das quais se centra o seu trabalho: o território, a sustentabilidade e o património sagrado.

No que diz respeito ao território, às suas características e aos seus desafios, revelou-se importante o trabalho de investigação em curso que envolve, entre outros, o Politécnico de Milão em Itália e a Universidade La Salle, de Bogotá na Colômbia. Neste País, em 2014, «Diálogos em arquitetura» participou no VII Fórum Mundial promovido pela ONU que teve por tema a crescente desigualdade que se nota nos centros urbanos. Uma ocasião para

os profissionais de «Diálogos em arquitetura» conhecerem, juntamente com um grupo de jovens arquitetos do Equador e da Colômbia, aquilo que acontece nos Países da América Latina, com as problemáticas e as possíveis soluções, através de itinerários paralelos ao Fórum, com encontros e troca de experiências profissionais.

«Diálogos em arquitetura» quer promover momentos de confronto e de aprofundamento, à luz das solicitações e intuições de Chiara Lubich. Mas também quer criar uma rede cada vez mais ampla de profissionais e estudantes que, de vários modos, estão empenhados neste âmbito, experimentando também novos modos de dialogar ou novos *format*, como viagens, *focus group*, concursos, itinerários de arquitetura, *workshop*. Um exemplo disto é o «Habit Andando», *workshop* itinerante, que iniciará no próximo mês de julho, nascido em colaboração com a Universidade La Salle de Bogotá: «A viagem como método, o território como aula»: quatro etapas em quatro cidades italianas, para aprofundar de modos diferentes



...sos na Mariápolis argentina, conhecendo o território e as suas estruturas, em diálogo com os seus habitantes. Uma ocasião importante para refletir sobre o significado da sustentabilidade num continente como a América Latina, onde ela não tem só uma dimensão ambiental, mas também social.

temáticas ligadas ao território. O circuito terá como última etapa Milão, sede da Expo, que tem exatamente por tema «Nutrir o planeta, energia para a vida». Ali, a visita à Expo será enriquecida por uma partilha de experiências e de projetos centrados sobre a sustentabilidade, um dos grandes desafios da arquitetura contemporânea, outra pista de trabalho importante de «Diálogos em arquitetura» .

E foi exatamente à sustentabilidade que se dedicou o evento realizado em março de 2015, na Cidadela Lia na Argentina, e ligado a «Preset», um projeto de estudos dirigido, de modo particular, às Cidades, a que aderiu também a Mariápolis Faro, na Croácia. Um grupo de 42 jovens profissionais (engenheiros ambientais, arquitetos competentes no campo agronómico, económico, artístico) provenientes de oito Países (Eslovénia, Croácia, Alemanha, Itália, Colômbia, Bolívia, Brasil, Argentina) experimentaram estudar um modelo de gestão e de desenvolvimento sustentável para a Cidadela Lia, vivendo duas semanas totalmente imer-

...

E a reflexão sobre o património sagrado fez nascer um grupo de estudos com arquitetos e docentes de várias partes do mundo, que se interessam por este campo. Alguns deles participaram na XXXVII Convenção Internacional, organizada pela Ordem dos Arquitetos da Catalunha, que teve lugar em Barcelona em 2014, com o título «Património Sagrado: permanência e inovação». Uma convenção de alto nível com a presença de 150 arquitetos, alguns de fama internacional. Com o grupo de «Diálogos em arquitetura» estavam presentes três: Iole Parisi e Mario Tancredi da Itália e Tobias Klodwig da Alemanha. Com a sua intervenção sob o título «Cristianismo flexível, entre a vida da comunidade e espaços sagrados», puderam oferecer um contributo ao debate sobre espaço sagrado, exprimindo quanto de novo pode nascer da vida de um Carisma.

Iole Parisi



Barcelona, diante da Catedral da Sagrada Família

VI edição



loppiano**lab** começa de novo

Nos dias 25 e 26 de setembro realiza-se o LoppianoLab, laboratório nacional de economia, cultura, comunicação e formação, promovido pelo 'Pólo Lionello Bonfanti', pela Città Nuova, pelo Instituto Universitário Sophia e pela Cidadela de Loppiano. No dia 27 de setembro os programas estão a cargo de alguns dos parceiros do LoppianoLab.

A edição de 2015 tem o título «Vencendo o medo. A Cultura do diálogo, cidadania ativa, economia civil». Diante dos repetidos episódios noticiosos nos vários âmbitos - desde a constante falta de trabalho até ao acontecimento de «Charlie Hebdo», aos casos de corrupção e à crise de valores - que semeiam ansiedade e preocupação, o LoppianoLab propõe pistas para reflexão e ações.

No cliché já testado, a noite de sexta-feira é dedicada a um encontro-debate no qual o Instituto Universitário Sophia oferece um momento de leitura da atualidade, segundo autores que considera pontos de referência do nosso fundo cultural.

«Uma ideia de pessoa, uma ideia de sociedade, uma ideia de economia»: o título realça a profunda mudança da nossa sociedade, que leva a reestruturar completamente o alfabeto dos valores culturais, económicos, políticos e sociais. Um convidado de honra é o Núnzio Galantino, secretário-geral da Conferência episcopal italiana (CEI), que em novembro vai participar, em Florença, no V Encontro nacional «Em Jesus Cristo, o novo humanismo».

Em idêntica direção vai ser o encontro com ele - que é um qualificado docente de antropologia e promotor do conhecimen-

to do pensamento de Antonio Rosmini, de quem a editora 'Città Nuova' está a elaborar a edição completa dos seus escritos.

O Mons. Galantino vai examinar este grande pensador italiano, ainda pouco conhecido, como um ponto de referência ideal, para traçar as linhas de uma nova cultura, fundada sobre o reconhecimento da dignidade humana e da vida comum. Para dialogar com ele vão estar presentes alguns docentes e estudantes de doutoramento do Instituto 'Sophia'.

A proposta do Pólo Lionello Bonfanti é também muito útil: «Gerar e regenerar. As Empresas, os Bens Comuns, as Pessoas», dois dias a cargo da Convenção da EdC de Itália que, através de relatos e testemunhos, vai oferecer um percurso de análises e de perspectivas de ações. Nos dias anteriores, no LoppianoLab vai realizar-se a escola de trabalhos da EdC para jovens, «Vamos Gerar Ideias» e, nos dias sucessivos, serão realizados trabalhos sobre «Gerir os carismas hoje. A comunhão como conteúdo e método de gestão».

Seguindo o seu estilo próprio mais puro, no «LoppianoLab» a sociedade civil será protagonista. Durante os laboratórios da manhã de sábado - promovidos pela Città Nuova

Na prisão de Rebibbia Um pelo outro

Nos dias 5 e 6 em Roma, na prisão de Rebibbia, o Gen Rosso e várias pessoas da Mariápolis romana viveram uma experiência especial de reciprocidade

Em Rebibbi vivemos momentos de grande amizade e comoção. Dois dias de trabalhos de grupo com 29 presos, que no final se tornaram «atores» com o Gen Rosso. O musical *Streetlight*, em vários momentos, foi representado por cerca de 200 «visitantes» e guardas, que connosco estavam no palco a anunciar, mesmo convencidos, as mensagens do nosso Ideal.

Entrámos até com o nosso camião, e todo o trabalho de descarregar os instrumentos e a preparação do palco foi realizado em conjunto.

Um dos 29 disse-nos: «Durante estes dois dias estivemos livres: com a cabeça livre, livres para viver com pessoas normais, de dizer o que pensamos, de participar. Se era isto o que queriam, vocês conseguiram-no plenamente. Obrigado.»

O capelão, o pe. Roberto, que nos abriu as portas, esteve connosco todo o tempo, assim como alguns guardas com quem estabelecemos um relacionamento vivo de colaboração. No fim, ele disse com gosto: «Vocês são ingénios,



mas fantásticos!». Foram especialmente fortes alguns dos momentos do espetáculo: a canção sobre Jesus Abandonado (...viste-me em pranto, choraste comigo, vi-me mergulhado em problemas e Tu, em problemas como eu ...) criou uma atmosfera especialmente profunda.

E, no fim, a canção «Tu existes ...». Onde os 29, com todo o dinamismo e a força possíveis, cantavam aos seus companheiros.

Depois, saudações, abraços, apertos de mão: era evidente que, de várias maneiras, queriam dizer-nos que eles levariam para diante o que tínhamos experimentado nesses dois dias. E a alegria ao redor permitia prever uma grande esperança.

Este projeto foi suscitado por alguns dos membros do Coro da Mariápolis Romana de Rocca di Papa, que estiveram presentes com uma boa representação de 12 pessoas. Com elas levaram também cerca de 20 cartas, escritas por pessoas da Mariápolis. O pe. Roberto estava muito contente e vai ver como distribuí-las àqueles que ele considera que têm mais necessidade de um relacionamento epistolar com gente «amiga». De facto, um dos presos quis que soubéssemos que ele desde há três meses que tinha começado uma vida nova - desde que começou a receber com regularidade cartas de uma religiosa de clausura, que o está a ajudar a ver o mundo de maneira diferente.

A conclusão foi um jantar com os da Mariápolis Romana e o pe. Roberto, no refeitório do pessoal da Rebibbia. «O Projeto "Um pelo outro" - como nos disseram - alcançou o seu objetivo e deu-nos a possibilidade de "sair" corretamente e como verdadeiro serviço aos irmãos».



O Gen Rosso com alguns da Mariápolis Romana, que vão continuar a manter o contacto com os «amigos lá dentro»

Ano da vida consagrada

Caminhar em unidade

Em Toronto (Canadá), um momento de profunda comunhão que abre novas prespetivas

Cinquenta e cinco consagradas de dez congregações reunidas em Toronto (Canadá) para um encontro que foi, de certo modo, um evento, pela numerosa participação em terra canadense. «Esta jornada ajudou-me a formar-me a mim mesma, a viver a unidade antes de tudo na comunidade onde vivo e com todas as congregações do mundo» comentou uma das participantes.

«Abraçar os novos horizontes» era o título do tema, feito por Chiara às religiosas, em 1996, que abriu um momento de comunhão no qual cada uma apresentou o carisma do seu fundador. «Ouvindo-nos – disse uma das consagradas – agradei e louvei a Deus pelo chamamento de cada uma de nós. Temos que estar unidas no Seu amor e, como disse Chiara, viver a unidade e a comunhão entre nós religiosas, pois devemos trabalhar e realizar atividades juntas». «Hoje, eu senti a graça da presença não só do meu fundador – comentou outra – mas também a presença dos fundadores das outras comunidades».

Penetrar profundamente na Carta Apostólica do papa Francisco para o Ano da Vida Consagrada e ver o vídeo da exposição, feita sobre a vida religiosa e os seus desafios, pelo cardeal João Braz de



Aviz - prefeito da Congregação para os institutos de vida consagrada e as sociedades de vida apostólica - foram momentos significativos. Depois um diálogo profundo. «Um excelente Programa - comentou uma religiosa - que me motivou a trabalhar mais na vinha do Senhor, a refletir e renovar a minha vida como consagrada. Neste ano quero concentrar-me na palavra de Deus. Se formos uma coisa só, podemos conquistar o mundo».

Partimos com o desejo de nos encontrarmos com regularidade. Programamos para finais de julho uma «expo dos carismas», dedicada às jovens interessadas na vida consagrada.

As religiosas de Toronto

No mais profundo das nossas almas resoavam com força as palavras de Jesus: «A mim o fizeram», naquela dimensão e alegria de ter dado, mas de ter recebido ainda muito mais daqueles amigos. Eles abriram os seus corações e vidas, partilhando connosco, de várias maneiras, até só com uma frase, as profundas dores e as esperanças vivas de voltar a nascer e de ter um futuro melhor.

Entre estes estava um dos que, no dia 2 de abril, justamente na igreja que está no andar

por cima da sala, o Papa tinha lavado os pés. O seu olhar ainda estava cheio da emoção e via-se que tinha sido profundamente tocado pelo amor de Deus. E quem ali estava, e mesmo que tivesse que permanecer ali toda a vida, Deus punha em evidência o seu percurso de «redenção». A cada um vai o nosso agradecimento e adeus!

De facto prevemos repetir esta experiência em novembro.

Os focolarinos do Gen Rosso

Graziella De Luca

*Uma das doze primeiras,
um desígnio de Deus realizado*

No dia 9 de maio, um telegrama da Emmaus anunciava a todo o mundo que, naquele mesmo dia, a Graziella De Luca tinha ido ter com Chiara Lubich, no céu: «as focolarinas que estavam com ela e que a acompanharam com Jesus no meio e com a oração - descrevia a Emmaus -, estavam, naquele momento, a recitar "Vem Espírito Santo". Agradecemos a Deus pela sua riquíssima vida! Pedimos por ela e, com fé, confiamos-lhe a Obra neste "sair", com a certeza de que ela nos vai ajudar a incendiar o mundo com o amor».



Castelgandolfo, 22 de maio de 2003,
Graziella com Chiara no Congresso Mariano

-la, os seus pais mudaram-se para Messina, a sua cidade natal. Voltaram para Trento quando a Graziella tinha 17 anos.

Deslocações normalíssimas, de acordo com os factos que aconteceram, mas, por detrás dos quais, se vislumbra como que um linha vermelha, quase como um maestro escondido, que move circunstâncias e decisões, para voltar a trazer a Graziella para Trento. Aí, de facto, depois de uma infância despreocupada e das grandes expectativas não realizadas da adolescência, esperava-a a grande aventura: encontrar Chiara.

Com 17 anos, a Graziella era brilhante nos estudos, muito hábil no desporto, fascinante, requisitada pelos amigos. Por causa do seu temperamento de artista, conseguiu até fazer um teste para o cinema. Mas a guerra acabou com todas as oportunidades e, uma vez que a família, voltando a Trento, teve de começar tudo do zero,

A Graziella foi uma daquelas primeiras «doze raparigas», em que Chiara tinha visto a personificação de um «desígnio de Deus»: os sete - como as cores do arco-íris - aspetos concretos da vida do Evangelho e os cinco continentes da Terra. A Graziella tinha uma grande capacidade de comunicação, uma excepcional força evangelizadora. Por isso, na metáfora do arco-íris, Chiara viu nela o Alaranjado, a irradiação do Ideal, a abertura ao mundo. Um dom talvez natural, mas que o Ideal transformou em chama.

Nasceu e foi batizada em Trento, em 1925. Com 22 dias já viajava de comboio: a avó não estava bem e para poderem ajudá-

Fiera di Primiero, 1954



ela foi trabalhar para uma repartição pública. Uma colega convidou-a para um encontro. «Religioso? perguntou-lhe. «Não...» respondeu-lhe ela. Mas a Graziella intuiu que aquele «não» estava mais próximo de um «sim», e refletiu: «Ah, querem que eu vá? Então vou! Mas vou lá o mais na moda possível, de modo que, fanáticas como são, me vão dizer que lhes estrago o ambiente».

O encontro era na sala Massaia. A Graziella trazia um vistoso vestido branco com flores azuis, de mangas curtas e um decote franzido sobre o qual caíam as suas tranças loiras. «Três raparigas - contaria mais tarde - dirigiram-se a mim: Chiara, Natália e Dori. Chiara era de uma beleza singular, vestida segundo a moda. De cabelos castanhos, com uma linda permanente que era talvez das primeiras que se viam na rua. Impressionou-me o seu acolhimento, espontâneo e sincero. Depois, enquanto Chiara falava, com os olhos da alma vi uma grande luz. Percebi que Deus é amor infinito. E que tinha de dizer o meu sim a Deus. A partir daquele momento posso dizer que a minha vida começou».

Desde então, apesar do trabalho, dos bombardeamentos, da família, não passava um dia sem que Graziella não encontrasse uma maneira de ir ter com Chiara. Uma vez, o encontro foi num convento de religiosas, para uma espécie de retiro. Foi aí que veio a saber que Natália tinha feito o voto de castidade, ou melhor, como Chiara o chamava, o Voo. Também ela o quis fazer, mas, como era ainda muito nova (tinha 19 anos), o sacerdote só permitiu que o fizesse por três meses!». Mas era melhor que nada... Assim, também ela fez o seu primeiro Voo,

que formularia solenemente mais tarde, concretizando assim a sua total doação a Deus.

De imediato, Chiara intuiu que a Graziella tinha o «desígnio» de inflamar, com o imenso amor de Deus, todos os que se cruzavam com ela. Neste contexto, foi emblemático o seu encontro com Pasquale Foresi (Chiaretto), na altura com vinte anos: as respostas que a Graziella lhe deu, totalmente iluminadas pelo Evangelho vivido, mas sobretudo pela sua vida, exprimiam uma tal convicção, uma tal luz que suscitaram nele uma profunda exigência de participar plenamente nesta nova vida, tornando-se, também ele, focolarino.

Nos anos que se seguiram, a Graziella esteve em várias cidades de Itália, tendo contribuído para o nascimento de numerosas comunidades, em várias regiões. Esteve também na França, na Bélgica, na Holanda e no Luxemburgo. Em 1964, chegou aos Estados Unidos: a sua presença foi determinante para a expansão do Movimento naquele continente, e para a fundação de Living City (Cidade Nova) e do Centro Mariápolis, em Chicago. Foram inúmeros os seus contactos com uma variedade inimaginável de pessoas, provenientes quer da alta sociedade quer dos guetos, do corpo diplomático ou personalidades da Igreja.

Em 1969, voltou para Rocca di Papa, tendo seguido com imaginação e vivacidade... o recém-nascido Movimento Gen; com algumas jovens inaugurou o primeiro Centro Gen mundial, tendo em vista o desenvolvimento da vida gen nos vários continentes. Significativo foi o testemunho da Gaby, uma delas: «Éramos sete gen de vários Países



29 de junho de 1975. Graziella com Igino Giordani



Rocca di Papa, maio de 1976. Encontro de responsáveis de focolar. Graziella, o pe. Foresi, Gis Calliari, Luciano Beltramo



Loppiano, maio de 1981



Loppiano, maio de 1985

do mundo. A Graziella abriu-nos aos desafios dos tempos e, sem medo, preparou-nos para levar aos nossos coetâneos, o Ideal que, com ela, experimentávamos como uma proposta bonita, moderna, apaixonante. Formou-nos livres e, ao mesmo tempo, tratava-nos de uma maneira forte, verdadeira, radical e coerente. Enraizou-nos em Chiara, como fonte do Carisma, ensinando-nos que o Ideal é um dom de Deus para a humanidade e para a Igreja. Dizia-nos muitas vezes: "Não há nem primeira, nem segunda... nem terceira geração da Obra, mas somos todos co-fundadores com Chiara".

Em 1972, Chiara confiou-lhe o ramo das focolarinas, função que desenvolveu durante dezoito anos, nos quais formou gerações inteiras de focolarinas. Com um amor de mãe apoiava-as nas dificuldades, dava-lhes coragem para novos desafios, reforçava nelas a paixão pelo «Ut omnes», lembrando-lhes a beleza da sua vocação. Escreveu assim a uma delas: «Acredita em mim, as provações são necessárias para se crescer. A cada provação que te surgir diz a Jesus Abandonado: tomo das tuas mãos cada provação, para que Tu me possas ensinar a amar-Te e a amar cada próximo como Tu o amarias e dá-me a sabedoria».

A partir dos anos 90' encontramos-a ainda no Centro da Obra, onde se dedica mais especificamente ao aspeto que sempre preferiu: o Alaranjado, ou «testemunho e irradiação» do Evangelho. Chiara tinha relacionado este aspeto com uma Palavra da Escritura: «Eu vim trazer o Fogo à

Terra, e como gostaria que ele já estivesse ateado!» (Lc 12, 49), a mesma que tinha dado à Graziella e que ela tomou como a sua razão de vida, levando uma infinidade de pessoas a seguir Jesus.

Com este fogo do amor de Deus no coração, seguiu também os Aderentes do Movimento, em ação partilhada com as várias Zonas do mundo, e que todos os anos culmina com os dois participadíssimos Congressos Internacionais, que se realizam no Centro Mariápolis de Castel Gandolfo. São momentos preciosos para formar e dar vitalidade a pessoas de todas as gerações. Uma delas, a Patrizia, ao saber da partida da Graziella escreveu-lhe: «Amaste-nos a todos com um amor imenso, tal como era o teu coração. Obrigada por teres acreditado em nós, por nos teres dado o Ideal às mãos cheias, por nos teres feito sentir parte viva da Obra e preparado o caminho para nos tornarmos verdadeiros filhos de Chiara. Continua a guiar-nos para "sairmos" juntos à conquista do mundo e ser Fogo, como Jesus espera de cada um de nós».

ao cuidado da redação

Loppiano, 29 de outubro de 2004, na inauguração da Theotokos



Neste último período, a partida de focolarinas e focolarinos para a Mariápolis Celeste foi particularmente numerosa. Por motivos de espaço, nesta edição, são apenas publicados os pontos mais relevantes do perfil de cada um. Os telegramas que a Emmaus enviou aos focolares estão disponíveis na Mariápolis on-line

Ivan Bregant

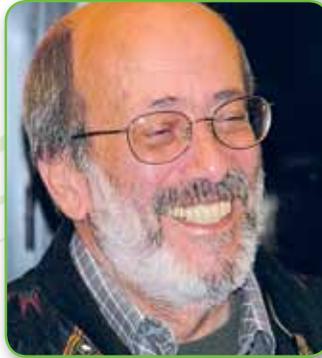
Pioneiro do Ideal de Trieste ao Mar Negro

O Ivan, focolarino da Mariápolis Faro (Croácia) chegou ao Céu no dia 17 de maio.

Logo a seguir ao seu nascimento - em Celje (Eslovénia), em 1938 - a família mudou-se para a Itália. Na juventude, interrogava-se muito sobre o sentido da vida, tendo mesmo perdido a fé. Foi internado devido a uma grande anemia e, ao fazer um ato de amor a um focolarino, que também estava internado, descobriu no Ideal uma nova luz, decidindo seguir Deus.

Depois da escola de focolarinos de Loppiano, Chiara mandou-o para a então Jugoslávia, onde, em Lubliana, continuou os estudos e ficou até 1994, altura em que se mudou para a Cidadela Faro, que estava a nascer. «Parti para aquela terra - ele próprio recordava - com as Palavras do Evangelho que Chiara me tinha dado: "Não temas pequeno rebanho, porque agradou ao vosso Pai dar-vos o Seu reino". Ao chegar a Lubliana encontrei a cidade toda adornada por causa da festa nacional, mas eu tinha a impressão de que a cidade festejasse a presença de Jesus no Meio de nós, porque se abria o primeiro focolar. Naquela altura, quem seguisse uma fé era perseguido pelo Estado, e, por isso, tínhamos que agir com muita precaução. Muitas vezes éramos visitados e interrogados pela polícia, mas isso não impedia o desenvolvimento do Movimento, que se apoiava apenas no amor a Jesus Abandonado. Ele dava-nos a força para ir em frente, e as dificuldades a vencer eram consideradas necessárias para que a vida se difundisse».

Todos os anos, o Ivan visitava as comunidades que nasciam nos vários Estados, apoiando o



seu crescimento e difundindo o amor e a paz. O Cardeal F. Kuharic, de Zagreb, relativamente ao Movimento, uma vez disse: «Nós, Bispos, sabemos que esta é uma Obra de Deus. Eu tenho consciência que vocês chegaram, muito silenciosamente e de coração aberto, à nossa terra, nos momentos mais difíceis da sua história». E o Ivan foi mesmo

essa presença silenciosa do amor e, devido à sua completa confiança em Deus Amor, deu muitos frutos.

Quem sabe que festa Ihe terão feito Chiara e os nossos Mariapolitas Celestes! Também nós, façamos festa e, com alegria, ofereçamos a Deus este pioneiro da Obra que levou o Ideal desde Trieste até ao mar Negro. Unidíssimos ao Mario, seu irmão, também ele focolarino, rezemos pelo Ivan confiando-Ihe, especialmente, os Países do Sudeste Europeu que ele tanto amou.

Ursula Tscheschner

«Confiai-Ihe todas as vossas preocupações, porque cuida de vós» (1 Pedro 5,7)

A Ursula, uma das primeiras focolarinas alemãs, tendo sofrido um AVC, concluiu a «santa viagem» no dia 5 de maio. Nasceu em Brig, em 1926, na Silésia, sendo a segunda de quatro filhos. Durante a guerra foi testemunha da deportação de milhares de pessoas para Auschwitz. Tais horrores e o facto de ela própria ter tido de fugir, levaram-na a duvidar do amor de Deus. Afastou-se da Igreja, mas não deixou de procurar o seu caminho e, entretanto, estudou arquitetura de interiores. Quando, em 1957, entrou em contacto com o Movimento dos Focolares, sentiu logo o chama-

mento a viver pela unidade e, dois anos mais tarde, entrou no focolar.

Ela mesma contou a Chiara, em dezembro de 1994: «Conheci o Ideal precisamente no momento em que vivia na angústia de ver propagar-se a "falsa unidade", que formava uma massa cinzenta de homens. E, ouvindo falar de Jesus no meio como estilo de vida, suscitou-me uma grande esperança...».

Quando, em 1964, nasceu em Ottmaring o Centro Ecuménico, a Ursula ficou responsável por co-programar o edifício residencial. Cinco anos depois, estava em Rocca di Papa por causa da construção do Centro do Movimento. Trabalhou também como tradutora na Secretaria de Chiara.



Em 1983, mudou-se para Aubsburgo e, dez anos mais tarde, foi para a Costa do Marfim, para colaborar na construção da Cidadela Vitória. A partir de 1999, passou a viver no focolar de Dresden, onde se tornou responsável pelo diálogo interreligioso: «Deste modo - escreveu - Deus, no Seu Amor, ofereceu-me um caminho para reparar as injustiças cometidas contra muitos judeus».

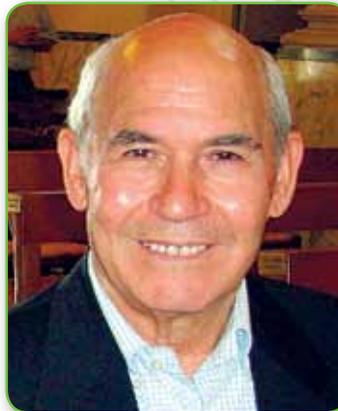
Em 2009, depois de uma queda, surgiu a doença e, com o aumento da debilidade física, aumentou também a sua sensibilidade a Jesus no meio. A sua união com Deus trazia ao focolar um profundo sinal de sabedoria.

Filippo Schillaci

«Deveis renovar-vos pela transformação do Espírito que anima a vossa mente e deveis revestir-vos do homem novo (Ef 4,23-24)»

Focolarino casado da Catânia, partiu para a Mariápolis Celeste no dia 28 de abril, com 81 anos de idade. «Nasci - ele mesmo contou - numa família tradicionalmente católica. Na adolescência, porém, comecei a rejeitar tudo o que me tinha sido ensinado, e até a simpatizar com ideias extremistas, onde pensava que ia encontrar mais justiça social. Mas, à medida que os anos passavam, mais desiludido ficava, restando-me apenas a amargura...».

Por motivos de trabalho, foi para Milão, e encontrou Deus, graças ao encontro com o Movimento, no qual descobriu um novo modo de viver «que satisfazia o meu sentido de justiça, mais do que qualquer luta de classes». Casou-se com a Lina e tiveram seis filhos. Juntos, faziam o seu melhor para dar a espiritualidade da unidade a outras famílias, testemunhando que o



amor ajuda a superar cada pequena ou grande dificuldade que a vida, inevitavelmente, apresenta.

Quando a mesma doença se manifestou a ambos, em janeiro de 2012, escreveram: «Estas doenças são para nós "super" graças de Deus que nos mudaram a vida: uma escalada! Sentimos ainda mais forte o desejo de nos

aperfeiçoarmos nos relacionamentos... Nos longos períodos que passámos de cama, no hospital ou em casa, procurámos tornar "sagrados e especiais" os contactos com todos...».

Depois da partida da Lina para o Paraíso, com a aprovação dos filhos, o Filippo foi viver para o focolar. Ali, os outros focolarinos ficam tocados pela forma concreta como encarna o Ideal, pela docilidade com que aceita as dificuldades de saúde, com total confiança de que tudo é amor de Deus. Viveu até ao fim com uma grande serenidade, sentindo a presença de Maria que o acompanhava e o amparava.

Bruno Campagnano

«*Em verdade, em verdade vos digo: quem acredita tem a vida eterna*» (Jo 6,47)

Focolarino casado com quase noventa e cinco anos, o Bruno voltou para a casa do Pai, no dia 28 de abril, rodeado pelo amor da sua família e do seu focolar. Natural de Roma e desde há bastante tempo a morar em Milão, o Bruno nasceu em 1920, de pai judeu e de mãe católica, mas não teve nenhuma formação religiosa. A sua profissão de engenheiro químico fez com que vivesse longos períodos em várias cidades italianas e também na França, na Bélgica e na Holanda.

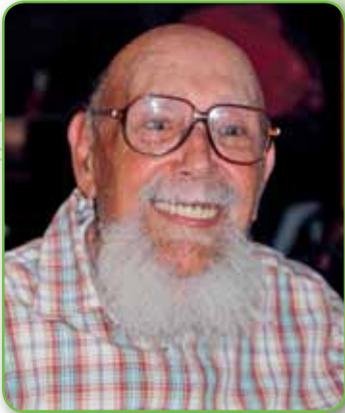
Em 1942, conheceu a Melina, oriunda de uma família anticlerical e, em 1948, casaram-se e tiveram três filhos. A uma dada altura, perguntaram-se: «Podemos deixar os nossos filhos sem religião, mesmo se consideramos isso apenas como um fator cultural?». Alguns anos mais tarde aconteceu o encontro com os Focolares.

Em 1961, a sua vida foi atingida por uma grande dor: o terceiro filho, o Paolo, com três anos e meio, morreu de leucemia. Toda a comunidade de Roma os ajudou a viver esta perda, sem ceder ao desespero.

A unidade entre o Bruno e a Melina, também ela focolarina, tocava todos os que conviviam com a sua família, caracterizada por uma grande abertura, incluindo também os outros dois filhos: Giovanni,

agora focolarino casado, e Marco, que pertence ao Movimento Comunhão e Libertação.

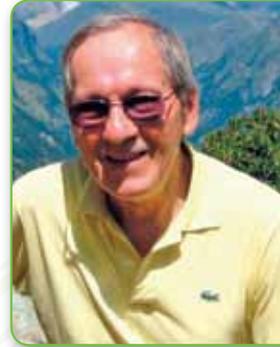
A Melina faleceu em 2003 e o Bruno, ao ficar só, começou a colaborar também com a paróquia, contribuindo com os seus conhecimentos de judaísmo. O Bruno, que agora se juntou à Melina e ao filhinho deles, vai ajudar-nos a realizar a fraternidade universal, com Chiara e todos os nossos que estão Lá em cima.



Paolo Frand Pol

«*No Senhor me refugio*» (Sal 11,1)

O Paolo, focolarino casado de Turim, chegou à Casa do Pai no dia 12 de maio. Tendo nascido em Ciriè (Turim), frequentava e trabalhava no oratório da sua cidade. Em 1967, foi convidado para uma "Jornada" do Movimento, em Milão. «Daquele encontro só me lembro que, a um dado momento, subiu ao palco uma rapariga que falou de Deus Amor. Eu nunca tinha ouvido falar de Deus daquela maneira».



Em 1969, encontrou a Raffaella, também ela do Movimento, e um ano depois casaram-se, colocando Deus no centro das suas vidas. Quando voltaram da viagem de núpcias, o Paolo teve que ser internado, e isolado, por causa de uma hepatite viral, e aquele período foi motivo para uma profunda reflexão. Em 1977, frequentou a escola de focolarinos casados e, seguidamente, com a Raffaella, também ela focolarina, tornaram-se responsáveis de Famílias Novas e depois das famílias-focolar. Uma função que desenvolveram com generosidade e competência, ajudados pelos filhos, Chiara e Stefano.

O sofrimento físico esteve muitas vezes presente na vida do Paolo: fez várias intervenções cirúrgicas e teve sérias perturbações cardíacas, até à doença em 2010. Mas os compromissos no campo eclesial e civil e também na vida da Obra nunca foram interrompidos. Só nos últimos meses é que os encontros se tornaram menos frequentes, tendo passado a ser realizados na sua casa.

«Não estou preocupado com o que possa acontecer - confiava a todos os que o iam visitar - existe uma presença que sinto ao meu redor. Às vezes basta-me olhar para fora da janela e tudo o que vejo me fala do sobrenatural. Se já não consigo ler, se estou muito cansado, não importa, não estou no vazio. O não poder fazer, não é um não fazer nada, para mim o momento presente é ple-

no, nas minhas horas não existe lugar para o tédio, tudo é oração. Estou sereno, estou presente, vivo no presente».

O exemplo que o Paolo nos deixa, é a sua «normalidade», a constância e o amor ao irmão como parte integrante da sua pessoa.

Maria Bargis

«Sou Eu, não temas» (Mt 14,27)



A Maria, uma das primeiras focolarinas casadas de Turim (Itália), partiu para a Mariápolis

Celeste no dia 18 de maio, com 98 anos de idade. Licenciada em Literatura Clássica, foi professora e conheceu o Ideal quando já estava separada do marido há oito anos, com um menino pequeno e uma grande solidão por ter perdido também a fé.

No escritório do advogado Vittorio Sabbione (um dos primeiros focolarinos), ouviu falar de «irmãos que, mesmo não a conhecendo, lhe queriam bem». A luz foi imediata. Ela própria conta: «a descoberta do amor de Deus que, não só não me condenava, mas tinha esperado por mim, deu-me asas». A família refez-se e um amor fiel e generoso morava naquela casa até ao momento em que o Guido ficou doente e partiu para o Céu. Foi um tempo de graças e de intimidade sagrada, que fez com que percebesse os dotes belíssimos do marido e tivesse dito: «Seria bom e mais verdadeiro contar a história do meu casamento a partir deste último período».

Pôs-se ao serviço de várias realidades da Obra: voluntárias, UPM, etc.. Mas a sua maior paixão eram o ecumenismo e os relacionamentos. Nos encontros com várias comunidades cristãs e os seus pastores, foi precioso o seu contributo com o Carisma, e, durante anos, foi entregar a

Palavra de Vida a uma senhora da Igreja valdesa, fazendo uma hora e meia de autocarro. Manteve até ao fim contactos com os ex-alunos e familiares e com todos os que partilharam com ela os últimos anos, na instituição em que vivia.

Quando percebeu que não sairia mais do hospital e que iniciava uma nova etapa, escreveu: «Esta manhã abri ao acaso o livro de Chiara "Pensamentos" e saiu-me "Renasce para uma vida nova!" A minha alegria foi enorme. O meu 7 de dezembro é hoje. Parto de novo com toda a Obra com um empenho mais consciente e um amor maior». O filho, Marco, acompanhou a mãe com muita atenção e dedicação, tornando presente também o amor de toda a Obra.

Maria Silvia Machado Freire

«Onde existe a caridade e o amor, aí existe Deus» (da liturgia de Quinta-Feira Santa)

No dia 22 de maio, com 91 anos de idade, Maria Silvia, uma das primeiras focolarinas casadas de Recife (Brasil), chegou ao Céu.

Em 1964 escreveu a Chiara: «Tenho a certeza que Ele, assim como me deu a Sua luz, me dará também a graça de estar sempre ao serviço do próximo, para que eu possa reviver Maria, dando Jesus à humanidade».



Mãe de oito filhos, depois da morte do marido, ocorrida em 1987, a Maria Silvia pediu a Chiara para transformar as promessas em votos. Mesmo se várias doenças a debilitaram, manteve sempre as características de simplicidade, radicalidade, silêncio e acolhimento. Com os seus dons de sabedoria deu um grande contributo ao

focolar até ao fim, seguindo com muito amor a vida da Obra e participando em todas as realidades que nasciam do Carisma.

Em 2009, foi-lhe diagnosticada a doença de Parkinson que, com o decorrer dos anos, reduziu as suas capacidades de movimento. Mesmo em cadeira de rodas e, mais tarde, acamada, a Maria Sílvia irradiou sempre a luz do Ideal.

Antes da Semana Santa, tinha sonhado que Jesus a chamava pelo nome; por isso sentia que tinha que se preparar melhor para o encontro com Ele. Logo a seguir teve de ser internada no hospital. Nos últimos momentos estiveram com ela duas focolarinas e duas filhas. Juntas rezaram, cantaram. Ao se despedirem, pediram-lhe para abraçar Maria e Chiara e de lhes confiar toda a Obra.

Antonia Concetta The Di Pietro

«Para mim viver é Cristo» (Fil 1,21)



A Antonia, focolarina casada de Turim (Itália), chegou à Mariápolis Celeste no dia 1 de junho, aos 85 anos de idade. Nasceu em Ragusa, conheceu o Ideal em Nápoles, partilhando com os focolares, juntamente com o marido e os três filhos, tudo o que tinha, às vezes mesmo aquilo

de que precisava. Em 1966, tornou-se focolarina casada e, com o marido, o Angelo - também ele focolarino e que partiu para o Céu no ano 2000 - mudaram-se para Ivrea, onde deram um grande contributo à vida da Obra.

«Para ser uma autêntica filha do teu Carisma - escreveu a Chiara em 1982 - agora Jesus pede-me para colocar no Seu altar cada coisa, cada afeto... mas sobretudo a minha vontade. O corte não foi indolor, mas logo que o "passo" foi dado, senti que Nossa Senhora me levava pela mão. Confiei a Ela os meus filhos,

os pais já velhinhos, certíssima do Seu amor por eles».

No ano 2000, durante a grave doença do marido, confiou a Chiara: «Sentimos que esta realidade que estamos a viver é Amor de Deus, é uma graça... é um grande tesouro para nós, algo de precioso para pôr em prática, contigo e em ti, para construir a Obra Una».

Doando-se sempre até que a saúde lho permitia, seguiu com muita dedicação os Aderentes. Em 2003, foi-lhe diagnosticada a doença de Parkinson. «O Passa-Palavra do dia - escreveu a Chiara, era "Enraizar-se no momento presente" e eu disse o meu "sim" incondicional a Jesus Abandonado. Passei da escuridão total à plenitude da alegria e tudo se iluminou».

Seguidamente, não tendo a possibilidade de ser autónoma, de acordo com os filhos, decidiu ir para um lar. Era longe do focolar, mas todas as vezes que as focolarinas a iam visitar, apesar do sofrimento causado pela doença, difundia serenidade, num constante "sim" a Jesus Abandonado.

Omar Díaz

«A linguagem da cruz é
força de Deus» (1Cor 1,18)



No dia 14 de junho, o Omar, focolarino da Mariápolis Lia (O'Higgins, Argentina), com apenas 48 anos, partiu inesperadamente para o Céu durante a noite, enquanto dormia. Cresceu numa família que lhe transmitiu importantes valores, entre os quais tenacidade, força de vontade, espírito empreendedor. Aos 18 anos participou, em Buenos Aires, no Genfest, tendo ficado conquistado por aquilo que os jovens apresentavam e testemunhavam. O Omar tomou a decisão de seguir Jesus como o tudo da sua vida.

No ano seguinte perdeu a mãe: uma grande dor que viveu em unidade com a nova família do focolar, reconhecendo nela Jesus Abandonado e oferecendo-a «para procurar perceber claramen-

te a minha vocação», escreveu a Chiara.

Decidiu passar um período na Mariápolis de O'Higgins. Foi de lá que escreveu a Chiara: «Deus, pouco a pouco, passou a ocupar o primeiro lugar na minha vida. Oferecendo-Lhe cada momento, cada renúncia, cada sofrimento, coloquei-me nas Suas mãos e abandonei-me ao Seu serviço. Tudo isto é fruto da presença de Jesus no Meio, fruto da unidade desta grande família que é o Movimento, no qual fui acolhido com amor e onde encontrei a esperança e a alegria».

O passo seguinte foi a escola de formação em Loppiano, como focolarino. De volta à Argentina, esteve durante 19 anos na zona de Rosario, sempre entusiasmado pela vida do Evangelho, que testemunhava com humildade, trabalho, disponi-

bilidade, coerência de vida, abertura de espírito, que o tornou exemplo de caridade, de amor humano e sobrenatural para muita gente.

O Omar era um formador por excelência, chegando perto de muitos corações, orientando muitas consciências, como demonstram as numerosas experiências que fazia na escola e como assistente gen3, e ajudando a desenvolver, com paixão, vários projetos para jovens, adolescentes e adultos. Mas o maior contributo foi dado, recentemente, na formação de jovens na Mariápolis Lia. Eram cerca de 200 os que seguiu, na altura em que foi o seu responsável. O Omar, nome que Chiara lhe tinha confirmado e que significa «posso amar sempre», apontou sempre para o alto!

Claudia Gisler

«O meu amado é para mim e eu para ele» (Ct 2,16)

A Claudia, focolarina da Suíça, de 54 anos, chegou ao encontro com o Esposo, no dia 15 de junho.

Cresceu numa bela família, com três irmãos e uma irmã e, aos 14 anos, participou num encontro Gen3. Desta experiência veio a dizer: «Abriu-se qualquer coisa de novo em mim. O modo como elas vivem o Evangelho convencia-me e também eu desejava amar verdadeiramente Deus e empenhar-me pela unidade». E aceitou o desafio que foi proposto naqueles dias: fazer-se santa. Aos 19 anos escreveu a Chiara: «Quero seguir a tua estrada, disse o meu "sim" a Deus».

Nos vários focolares da Suíça onde viveu, fez-se companheira de muitas pessoas, que nela encontraram uma irmã, uma amiga, uma mãe. Desde 2009 era co-responsável da Zoneta de Zurique, função que viveu sempre em doação e serviço.

Desportiva, dinâmica, cheia de energia, inesperadamente, há dois anos, surgiu a doença.

Ao sair de casa, deixou às outras focolarinas um bilhete: «O Esposo chegou com o fato de fes-



ta. É o momento de sermos fortes». E, ao dar esta notícia à Emmaus, disse: «Tenho uma grande paz dentro de mim. Sinto que estou a viver protegida por uma graça».

Seguiram-se várias terapias. A Claudia continuava a dedicar-se ao próximo, a acolher e a fazer seu aquilo que estava no coração do outro. Escreveu: «Viver a doença é

como ir trabalhar, por amor, recomeçando sempre». E estava feliz por dar a sua moeda, por ser um banco para a Obra, para as novas vocações.

Há cerca de um ano, mudou-se para a Cidadela de Baar, onde foi como um íman para muita gente, tocada pelo seu amor iluminado e cristalino. E escreveu: «O colóquio com o Esposo tornou-se mais íntimo: percebi de um modo novo aquilo que esta manhã rezámos: "a dor das almas ao meu lado é minha, é o meu Jesus". É Jesus, é meu, e por isso devo abraçá-Lo, estreitamente, e ser feliz».

Viveu com intensidade o momento presente, preparando-se conscientemente para o momento da «passagem». Os últimos dias foram uma escalada até Deus.

Theresia (Maria Novella) Kuppens

«Se a vossa justiça não superar a dos doutores da Lei e a dos fariseus, não entrareis no Reino dos Céus»(Mt 5,20)

A Maria Novella, focolarina belga de 76 anos, no sábado, dia 20 de junho, faleceu em paz, rodeada pelas focolarinas. Desde jovem que a Theresia desejava que acontecesse num sábado, dia de Nossa Senhora.

A Maria Novella - nome que Chiara lhe tinha dado - conheceu o Ideal através de uma colega, e, apesar de a família não compreender, aos 24 anos foi para Itália para aprofundar a espiritualidade do Movimento. Quando sentiu a chamada para seguir Deus no focolar, mudou-se para Loppiano, para fazer a formação. Dotada de um grande sentido prático e de uma fé inabalável na providência, ficou na Cidadela para iniciar a «Fantasy» (uma empresa pequenina, para dar trabalho às focolarinas da Escola) e, mais tarde, foi para Montet (Suíça), onde colaborou na criação do «Centre Art». A Maria Novella destacava-se na arte de criar a beleza com poucos meios, e de saber motivar as jovens focolarinas para a criatividade e para o sentido de responsabilidade.



Depois de ter estado de novo em Loppiano, em 1992, foi para a Cidadela de O'Higgins, na Argentina. Nessa altura, escreveu: «A minha fraqueza é uma sombra, mas quero estar como e onde Chiara me quer. Sinto-me como uma criança sem medo e cheia de confiança nas mãos do Pai».

De volta à Bélgica, surge a grave doença de Parkinson. Depois de um período de grande sofrimento, nasceu nela uma docilidade toda nova a Deus e aos irmãos, deixando-se amar, especialmente pelo facto de ter de depender de outras pessoas. Também as capacidades mentais ficaram atingidas, mas, não obstante isso, deu passos heróicos no amor a Jesus Abandonado. Quando

conseguia dizer uma frase bem articulada era sempre uma mensagem que convertia. Apesar de sofrer muito fisicamente, dava alento a todos, mesmo aos profissionais do centro de cuidados de saúde. «Sentes que estamos contigo?» - perguntou-lhe um dia uma focolarina - e ela, com uma insólita e reencontrada clareza, respondeu: «É por isso que estou tão feliz».

Elisabeth Speck

«Estou pronta para a corrida!»

A Elisabeth, focolarina de Hamburgo (Alemanha), chegou ao Céu, no dia 11 de junho, com 90 anos de idade.

Quando estava no focolar, em Munique (anos '70), Chiara, para dar resposta ao pedido de um Cardeal, pediu-lhe para se ocupar da habitação do Bispo de Berlim. A Elisabeth aceitou com amor e, apesar de ser profissional de Química Alimentar, dedicou-se ao serviço do decano e aos trabalhos domésticos: «Voltei ao primeiro amor - escreveu a Chiara - Jesus Abandonado. Sim, estou pronta para a corrida!».

Em 1991, quando o Bispo resignou, a Elisabeth teve de responder a uma outra emergência: tomar conta do irmão deficiente, que morava na ilha onde também ela tinha nascido: Fehmarn, junto ao mar Báltico. De lá mantinha um forte contacto com o focolar e muitas vezes chegava com uma grande mochila às costas, cheia de Providência, oferecida pelas pessoas da ilha.

Depois da morte do irmão, mudou-se para Hamburgo e também aqui, apesar da diminuição das forças e da progressiva perda da visão, continuou o empenho de amar cada próximo que lhe passava ao lado. Devido à sua incapacidade física, foi internada numa casa de repouso. Partilhava com as focolarinas, que a visitavam



com frequência, os "estados de alma" e os passos importantes da sua «santa viagem». Escreveu à Emmaus: «Quero aderir ao que disseste sobre a santidade. Estou dependente de outras pessoas em quase tudo, mas procuro ver, também nesta situação, a Sua vontade e vivê-la».

Depois de ter dado uma queda, a Elisabeth deixou de poder caminhar. E ela, que durante toda a vida tinha sido tão dinâmica, encontrou-se numa

cadeira de rodas. Abraçando este sofrimento, procurava viver o momento presente com todo o seu ser.

Há dois meses sofreu um AVC, do qual já não recuperou. Estava como Jesus na cruz, dizendo o seu "sim" com uma grande paz interior. Nos últimos dias, as focolarinas estiveram sempre com ela, até quando Jesus a chamou para Si. «"Oportet semper orare" - (é preciso orar sempre)» (Lc 18,1) era a sua Palavra de Vida.

Ir. Benedetta Carnovali

«Não tenhais medo, eu venci o mundo!» (Gv 16,33)

Da Congregação das Irmãs de Maria Menina, a Ir. Benedetta partiu para a Mariápolis Celeste no dia 31 de maio, com 90 anos de idade, acompanhada pelas irmãs do seu convento e pelas focolarinas de Banguocoque, que lhe levaram uma mensagem da Emmaus. Tendo nascido em Itália (província de Como), foi sempre missionária na Ásia. Em 1963, em plena crise de vocação, quando se encontrava em Myanmar (a então Birmânia) conheceu o Ideal através de um religioso e, a partir daquele momento, o seu maior anseio foi vivê-lo e dá-lo a conhecer ao maior número de pessoas possível.

Os frutos não se fizeram esperar. No grupo de raparigas que estava a formar como catequistas, duas delas - mesmo se nem elas nem a Ir. Benedetta tivessem alguma vez entrado num focolar - sentiram a chamada de seguir Deus como focolarinas. Não podendo deixar o País por causa do regime, colocaram uma aliança, como se fossem ter com o marido, e, através da selva, durante três meses debaixo da chuva e do sol, quase sem comer, chegaram à fronteira com a Tailândia. Daí, conseguiram chegar a Banguocoque e arranjar passaporte para viajar para Loppiano.

Apesar de estar longe dos focolares e mui-



tas vezes com permissões limitadas, a Ir. Benedetta encontrava sempre maneira de se manter em contacto estreito com a Obra, especialmente com Chiara, que uma vez, juntamente com o pe. Foresi, a acompanhou até ao Vaticano para a pôr em contacto com uma personalidade da Igreja. E quando, anos depois, Chiara foi à Tailândia, foi a Ir. Benedetta que lhe fez sempre de intérprete.

Para onde quer que fosse transferida, a Ir. Benedetta formava grupos nos quais aprofundava a espiritualidade da unidade, chegando a organizar pequenas Mariápolis. O primeiro gen tailandês, que depois se tornou focolarino, cresceu num destes grupos.

Na edição on-line está disponível uma co-movente entrevista com estes e outros factos da sua longa vida, iluminada pelo Ideal, que a Ir. Benedetta foi capaz de captar em toda a sua extensão e, graças a isso, reencontrar o brilho do Carisma da sua fundadora.

No 60º aniversário da sua consagração a Deus (2009), escreveu à Vale Ronchetti (uma das primeiras focolarinas, agora no Paraíso, que na Obra era a responsável das religiosas): «Agradecemos juntas a Deus, especialmente pelo dom do Ideal. O dia 20 de setembro é também o dia em que Chiara escreveu: "Tenho um só Esposo sobre a terra". Uma coincidência que me dá muita alegria. A Ele retribuo todo o amor que me deu durante estes anos e também as minhas infidelidades. E, no seu abraço, estou em paz».

Elena Oum

Christian Reyes

«Jesus, deixa-me morrer por Ti»

O Santiago Rodriguez Christian, Gen2 da Republica Dominicana, foi para o Céu no dia 26 de março, com 27 anos de idade, três dias antes da sua graduação em Engenharia Civil. Apesar de sofrer há anos de uma doença crónica, era um jovem cheio de energia, alegre, generoso, sempre pronto a ajudar - sem se poupar - todos os que precisavam.

Em 2007 escreveu a Chiara: «A Trindade, Jesus, tu, o Movimento... são motores que me impelem todos os dias a levantar-me e a sorrir, como tu me ensinaste». E, num texto escrito por si, em



2014, endereçado a Jesus, confiava: «Nesta Semana Santa dou-me a Ti, confiante do amor pelo qual Te fizeste nada por cada um de nós. Jesus deixa-me morrer por Ti. Sê o meu cirineu e leva a cruz da minha família e de todas as pessoas que estão ao meu redor. Mas, mais ainda, ajuda-me a suportar a minha tão pesada cruz».

Com o seu sentido de humor, desdramatizava até os momentos mais difíceis, sossegando toda a gente até ao ponto de esquecer o seu sofrimento. Quem ia ao hospital para o visitar, ficava emocionado pela paz que transmitia.

Enrico Donzelli

Manuela Ramogida Scaramella

«Juntos, consegue-se»

A Manuela, da Zona Laziodo Norte (Itália), partiu para a Mariápolis Celeste no dia 10 de maio, com apenas 41 anos. Conheceu o Ideal ainda muito nova e tornou-se logo uma gen. Casou com Giuseppe, que também conhecia o Ideal. Sentiu que Deus a chamava a segui-Lo e iniciou a formação para vir a ser focolarina casada. Como casal, doavam-se intensamente à comunidade e aos outros, sobretudo às novas gerações.

No ano 2000, a Manuela sentiu os primeiros sintomas de uma doença que, benigna no início, a levou a ter de fazer muitas e delicadas intervenções cirúrgicas. Um percurso de 15 anos, enraizado no amor a Jesus Abandonado, com momentos de luz e passos em frente, sempre partilhados



com Chiara, que, desde o princípio, lhe agradecia «pelo seu amor a Jesus que produz muito fruto».

A escalada final iniciou-se no outono passado, quando os médicos «depuseram as armas». Desde então começou uma cadeia de amor por parte da comunidade, que continuou sem parar e que, para ela, era a força vital.

Existiram momentos de escuridão, nos quais não conseguia ver o sentido de uma vida assim... mas eram sempre seguidos por momentos de luz, que lhe restituíam a tenácia, a coragem e a paixão, enraizando-se no momento presente e repetindo: «Juntos consegue-se, unidos consegue-se».

Nos últimos dias, pelo seu quarto passou uma multidão de pessoas, que a queriam saudar e agradecer... e todos saíam renovados pelo seu amor.

O funeral foi uma festa, quase uma Mariápolis, tendo em conta a presença numerosa de gente de toda a cidade. Os testemunhos de pessoas que ela amou, permitiram que ela se tornasse conhecida e resplandecesse em toda a sua beleza. Harmonia, transparência, força e determinação, vigor, pureza de coração, verdade e delicadeza: esta era a Manuela!

Margherita Zoncapè



Nelda Pagliari

Um sorriso que dava alegria

A Nelda nasceu no dia 16 de julho de 2006, na província de Mântua (Itália), filha única e muito desejada de Alessandra e de Giovanni Pagliari, que tinham já uma certa idade quando ela nasceu. Cresceu numa quinta, num ambiente saudável, simples, rico de amor e de valores. Era uma menina feliz, com um sorriso luminoso no rosto, que dava alegria a todos.

Frequentava os encontros Gen4 há cerca de três anos. No Natal, gostava de decorar as figuras do Menino Jesus que, com as outras gen, oferecia pelas ruas do centro da sua cidade, para recordar aos adultos quem é o verdadeiro festejado. Gostava muito de representar personagens nas pecinhas de teatro com que as Gen 4 aprendem o catecismo e o ensinam aos mais pequenos: uma atividade que a ajudava a vencer a timidez típica da sua idade. Com a Celeste, sua colega de escola, tinha dado a conhecer o «dado do amor» à professora e aos outros colegas da escola. Todas as vezes que o lançavam na aula, “choviam” muitos atos de amor.

No dia 13 de maio, quando ia de bicicleta com a mãe, a Nelda foi atropelada por um carro. De nada adiantou o socorro imediato e as duas intervenções cirúrgicas feitas durante a noite. Na manhã seguinte foi ter com Jesus. Os pais permitiram que fossem doadas as córneas. No funeral, em que estavam presentes todos os seus colegas de escola, foi necessário instalar altifalantes, para que toda a gente da aldeia, que quis juntar-se à família, pudesse participar.

Daniela Fiorani

Ir. Davina (Gina) Rizzi

Amar sempre, ser os primeiros a amar, amar a todos»

A Ir. Davina, natural de Vicenza, aos 17 anos entrou para a família Elisabettina, dedicando-se ao ensino e à gestão escolar, no Norte da Itália e na Calábria. Aqui, conheceu a espiritualidade de Chiara e lançou-se logo a vivê-la e a transmiti-la aos jovens e famílias, organizando encontros ou ajudando nas atividades dos gen. Num congresso, conheceu a Vale Ronchetti, uma das primeiras companheiras de Chiara, com a qual estebeleceu uma profunda relação através de uma estreita correspondência. Em quase todas as cartas, a Ir. Davina juntava um contributo para a comunhão de bens: presentes recebidos dos familiares e amigos. Em 1987, escreveu à Vale: «É sempre uma grande alegria encontrar-me convosco, mesmo que seja por escrito. Ultimamente isso não foi possível (tinha feito uma cirurgia, ndr) mas senti a presença e a força da unidade. Agradeço do fundo do coração o *Notiziario Mariapoli* e o *Collegamento*, que recebo com pontualidade». E, em outubro de 2001: «A leitura de O Grito sustenta-me dia após dia. Também, quando as provações são duras e as faltas de compreensão não se conseguem entender, Jesus Abandonado dá-me uma nova força para continuar...». Nesse mesmo mês foi transferida para a casa Mãe, «ainda não sei qual é a função, mas seja qual for a minha tarefa, a primeira será: amar sempre, ser a primeira a amar, amar a todos», escreveu.

Nos últimos anos tratava das irmãs mais velhas, em especial, uma sem visão. A Ir. Davina soube descrever-lhe muito bem as coisas - dizia uma das irmãs que vivia com ela - «parece-me que estou a vê-las». Todos os meses distribuía às



peças da sua casa 42 exemplares da Palavra de Vida. Enquanto conseguiu caminhar, participava sempre nos encontros no focolar. No dia 19 de fevereiro, com 88 anos, foi ao encontro do Esposo.

Sobre ela, os seus responsáveis, escreveram: «As irmãs de quem foi superiora recordam o seu cuidado pela vida espiritual e o seu empenho em criar na comunidade relações fraternas. Nos últimos anos, marcados pela doença, viveu o sofrimento com dignidade, oferecendo-o pelo bem da Igreja e do Instituto.

Ir. Antonia Moiola

Emma Rufener

Jesus Abandonado: a sua âncora

A Emma nasceu numa aldeia do Valais, um cantão suíço, em 1925, e tinha seis irmãos. De família pobre, no verão levava as vacas a pastar, mungia-as e fazia queijo; no inverno trabalhava num hotel da localidade turística, Saas-Fee. Mais tarde, quando os pais adoeceram, ficou em casa para tratar deles.

Quando conheceu o Ideal, aderiu imediatamente ao espírito e fez dele a sua vida, tornando-se logo uma voluntária.

A Emma era uma mulher muito simpática, generosa e silenciosa. Não queria nunca faltar ao encontro anual em Roma, e, para arranjar dinheiro, fazia trabalhos manuais e compotas para vender. Com a sua vida transmitia ao seu redor o amor de Deus. Tinha feito de Jesus Abandonado a sua âncora diária.

Para participar no "Collegamento" em direto, todos os meses fazia uma viagem de três horas até Berna, regressando a casa no dia seguinte e trazendo no coração a realidade da Obra e a alegria de ter vivido com Jesus no meio, no focolar.

Depois de um encontro, no Centro, escreveu: «Voltei a dizer o meu "sim" total a Deus e escolhi de

novo Jesus Abandonado para ser um nada de amor. Ser Maria é uma realidade que me veio fortemente em evidência. Quero avançar na "santa viagem" com toda a Obra, abrindo espaço para Jesus em mim, de modo que seja Ele a agir, porque a estrada para a unidade passa pelo irmão. Por isso tenho de voltar a converter-me todos os dias».

A sua responsável de núcleo conta-nos: «Quando ia visitá-la, íamos, habitualmente, dar um pequeno passeio. E assim aconteceu no dia 24 de novembro de 2014. Enquanto caminhávamos de braço dado, a Emma teve um colapso cardíaco e morreu nos meus braços. Silenciosa e docilmente, terminou a sua "corrida"».

Marianne Rentsch



Os nossos parentes

Maria, mãe de Maria Magerl, focolarina em Viena; **Franca, mãe de Marco Aquini**, focolarino na Mariápolis Romana; **Marie-Claude, irmã de Anne Plantard**, focolarina em Madagáscar; **Marienza, mãe de Mauro Peirone**, focolarino em Milão; **Antonio, pai de Angelo Di Nardo**, focolarino no Lazio Norte; **Piergiorgio, pai de Claudio Greselin**, focolarino em Tirana (Albânia); **Sumaili Bisibo Emilie, mãe de Paul Kisyaba**, focolarino em Bobo-Dioulasso (Burkina-Faso); **Giuseppina, mãe de Paola Cipollone, e Regina, mãe de Ana Maria Fons**, focolarinas na Mariápolis Romana; **Martha, mãe de Fred Ngoran**, focolarino em Bamenda (Camarões); **o irmão de Petronilla (Fedele) Pun**, focolarina em Macau.

MARIÁPOLIS Noticiário interno do Movimento dos Focolares

Revista mensal • Número avulso: € 1,50 • Ano XXXI • Junho e julho de 2015 • Propriedade: Movimento dos Focolares (Obra de Maria) • Morada: **Cidadela Arco-Íris • Vale Menriço • 2580-059 ABRIGADA • Tel.: 263 799 995** • Diretora : Filomena Viegas • Tiragem: 400 exemplares • Impressão e pré-impressão: Impresso na U.E. • Colaboradores: Sara Cruz • Isenta de Registo na E. R. C. (ao abrigo do Decreto Regulamentar 8/99 de 9/6, Artigo 12º. nº1a).

Uma janela aberta ao mundo!

Bênção da "CASA CONSTANÇA"

No dia 10 de junho a Cidadela Arco-Íris esteve em festa, com a cerimónia da bênção da "Casa da Voluntária". Foram momentos de grande alegria, simplicidade e serenidade e em profunda unidade entre o Céu e a Terra.

Quisemos dar-lhe o nome de "Casa Constança", uma voluntária que pôs à disposição de Chiara Lubich um grande terreno, que deu origem à Cidadela Arco-Íris.

Na bênção estiveram presentes cerca de 200 pessoas, entre as quais os pais da Constança e alguns familiares. A seguir celebrou-se a Eucaristia: um momento solene!

Podemos dizer que esta casa foi construída sob a proteção de Maria, pois a sua primeira pedra foi uma medalha de Nossa Senhora da Assunção, colocada pela Emmaus, aquando da sua visita a Portugal e abençoada pelo Giancarlo Faletti. Nessa altura, a Emmaus disse: *"Não há nada melhor do que fazer nascer uma coisa nova, precisamente neste momento de dificuldade que vivemos, para dizer a todos os que irão conhecer esta realidade que, com Deus, as coisas impossíveis tornam-se possíveis!"*

De facto, durante a construção, muitos dos que ali passavam ficavam admirados pois, na grande crise económica que se atravessa, seria impensável construir-se seja o que for. Mas a Providência, fruto da generosidade e sacrifício



de muitos, foi sempre pontual. O projeto, que previa três fases, concluiu-se sem que houvesse qualquer interrupção.

Todos os que a visitaram ficaram felizes e sentiram-na sua: foi construída por muitos e está ao serviço de todos - é uma janela aberta ao mundo!

